

3º CONCURSO DE CONTOS E POESIAS

ANTOLOGIA

❧ VENTO LESTE ❧



FUNDACC

Todo ser humano é sujeito histórico a partir de seu próprio fazer. Contribui para a construção e para a mudança da história, e é modificado pelo contexto histórico em que está inserido. A Cultura é, antes de tudo, a maneira de ser, estar e conviver, que compõe a identidade dos diferentes grupos formadores da sociedade. À Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba cabe contribuir efetivamente para escrita desta história coletiva. Com a missão de fomentar a produção e a difusão literária, a Fundacc apresenta a Antologia de seu 3º Concurso de Contos e Poesias. O tema “Vento Leste – O Vento do Retorno Seguro” proporcionou páginas às letras moldadas por este momento singular de enfrentamento à pandemia, sugerindo a reconexão com a natureza como inspiração para a redação de novos capítulos.

Silmara Mattiazzo
Presidente da Fundacc

ANTOLOGIA

❧ VENTO LESTE ❧

3º CONCURSO DE CONTOS E POESIAS

1ª EDIÇÃO
CARAGUATATUBA – SÃO PAULO – BRASIL
2020

ISBN
978-65-993079-0-4

Título
Antologia Vento Leste

Subtítulo
3º Concurso de Contos e Poesias

Páginas
82

Edição
1ª

Ano Edição
2020

Formato
Papel

Veiculação
Físico

Editor(a)
Fundacc - Fundação Educacional e Cultural
de Caraguatatuba

APRESENTAÇÃO

Já repararam como a vida se soma ao infinito da natureza? Essa força que carrega dentro de si um modo de pensar e de sentir é não menos que a própria continuação da nossa vida.

Poderíamos dizer que ele é a nossa própria história?

Diante da pandemia que marcou o início desses anos 2020, momento de incertezas e angústia, um concurso literário com o tema “Vento Leste – O Vento do Retorno Seguro” buscou trazer tanto reflexão quanto esperança. E o que é esse vento, tão importante a ponto de ter nome próprio?

Para o caiçara, a esperança é uma aliada do dia a dia. Por exemplo: no seu cotidiano, exposto por vezes a elementos naturais ameaçadores, o pescador conta com o “vento leste”, também conhecido como “lestinho”. É o vento que traz o caiçara de volta para sua casa, sua família e seus amigos após uma noite de trabalho – e em segurança.

Foram 141 contos e 219 poesias das mais diversas partes do Brasil, ressignificando esse elemento natural invisível que faz a vida de muitos caiçaras do litoral norte de São Paulo. Autoras e autores a quem a Comissão Setorial de Literatura e a Fundação Cultural e Educacional de Caraguatatuba são muito gratos – responderam ao nosso chamado e tornaram um período como esse tanto mais leve quanto mais ressonante de significados. A todos os inscritos, nossa admiração e carinho.

Os textos selecionados, que compõem essa publicação, são muito significativos deste trabalho de interpretação livre da realidade local do Vento Leste. Que eles proporcionem a você, que lê agora este livro, as mesmas sensações que têm os caiçaras no seu retorno seguro para casa.

Boa leitura!

Comissão Municipal Setorial de Livro, Leitura e Literatura da FUNDACC

José Pereira de Aguilar Junior
Prefeito Municipal

Campos Junior
Vice-prefeito

Câmara Municipal de Caraguatatuba
Tato Aguilar

Fundacc – Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba
Silmara Selma Mattiazzo Bolognini
Presidente

Suely Loyola
Diretora de Cultura

Tatiane Baptista
Diretora Administrativa

Jean Cleber Nissola
Diretor Financeiro

Bruna Caldas
Produtora Cultural

Mara Cirino
Assessoria de Imprensa

Alan Douglas da Silva
Diagramação e Design

Diego Franco Gonçalves e Vanessa Aparecida da Conceição
Revisão

SUMÁRIO

POESIAS

| | |
|---|----|
| Manhãs à Deriva..... | 13 |
| [desenhava meus olhos para me cegar — estudos sobre sol e mar]..... | 16 |
| FÉ..... | 18 |
| Inventário de Perdas e Esperas..... | 19 |
| Jângal de Caraguatás..... | 21 |
| Enfrentando as Intempéries..... | 23 |
| <i>Eurus</i> | 24 |
| Marinheiro do Ar..... | 27 |
| Leste..... | 29 |
| Poema ao Vento..... | 34 |

CONTOS

| | |
|-----------------------------------|----|
| Um Café no Sertão..... | 39 |
| A Pujança do Amanhã..... | 42 |
| Lestinho e o Pensamento..... | 45 |
| Maria ao Mar..... | 48 |
| A Cura..... | 53 |
| Sobre Mulheres e Sereias..... | 56 |
| De Este, este Lestinho..... | 62 |
| Peixe Nero..... | 68 |
| Na Linha de Frente..... | 74 |
| A Misteriosa Jornada da Alma..... | 77 |

❧ POESIAS ❧

Olha! Esqueçamos os dias perdidos,
veja o vento inflando a vela!

Já não sangramos, mas singramos na direção do horizonte
que trazemos aqui por dentro, porque se a vida é barco,
o amanhã é vento.

[desenhava meus olhos para me cegar – estudos
sobre o sol e mar]

Ana Lúcia Silva

*Sombra múltipla que o sol te guarda
Tu que amas o suficiente para não me deixar nunca
E que danças ao sol sem levantar poeira*
Guillaume Apollinaire

quando todos partiram
fomos cavar miudezas no dia
aguardávamos as intermináveis
horas do nunca-mais
(o oitavo dia)

*todas as línguas ainda nos procuravam
mesmo que tarde*

talvez

Nunca foram
tantos nossos enganos

(como se tivéssemos feridas
feitas de carne e parafina)

volteávamos montanhas
entretantos. entretodos
colhíamos penhascos
ruínas aléns

não prescindíamos
impossibilidades

pendiam os olhos
arrefecidos numa cadência
estas areias que nos tomam
como pó

são estes caminhos ainda sina. chama aos cantos. despe o que considera
uma oferenda. nem todos saberão o que viu quando teus passos se
perderam e era um corpo nu a implorar paragens. traz em suas mãos meus
olhos. um resto de areias que deixou mitigar. bifurcações, prismas, furores.
o caminho não há. o que deveria chamar é o meu nome

ânsia esquecida/
vidrilhos girando na nitidez do seu braço
tocando o meu

eu te esperava n'areia
um vento leste
seu retorno

Um monólito ainda se avistava o mesmo
éramos os mesmos

eu alongava os braços
para você adormecer

ali

neste lugar que estávamos
entre vestígios e reencontros

FÉ

Flávio de Azevedo Levy

A caiçara rezava tristemente
Sentindo-se abatida e sem vida,
Te peço para vê-lo novamente
Minha Nossa Senhora Aparecida.

Que estanque dos meus olhos a nascente
De lágrimas e faça que consiga,
Voltar o meu amado ao continente
Do mar encapelado que o castiga.

Escuta o meu soluço e o meu lamento!
Faça mudar com teu poder o vento!
Com tua proteção, lhe dê guarida.

O “Vento Leste” a faz erguer a fronte,
Sorri com a luz de um barco no horizonte
Sinalizando a graça recebida.

INVENTÁRIO DE PERDAS E ESPERAS

Viviane Ferreira Santiago

Escutar a voz da mãe no peito
até que a saudade escorra pelo canto
da casa que de tanto gotejo gerou mofo.
*Alguém sabe do balde ou do telefone do moço que conserta teto quebrado?
[Alguém sabe se o vento leste já sopra por esses lados?]*

Olhar a cara do filho e enxergar o pai nos olhos verdinhos.
O menino e o senhor, ambos, em sorte e natureza tão bonitos.
A beleza do inevitável que passa de avó
estranhamente pula o filho e cai na face do neto.
*Alguém sabe por que o pai não atende, deus livre, será que o pai tá doente?
[Ovi dizer que o vento leste já passa na rua quinze, esquina com a Portugal,
não demora, chega na gente.]*

Tem uma imensidão de mortos em fileiras lá fora
aqui dentro, notícias de longe de uma roseira florindo no canteiro
da janela de amigos, há muito não vistos.
*Alguém aqui viu Thiago? De cabeça, lembro só do sotaque arrastado.
[As tais rosas na janela, mal esperam o vento leste que assopra feito irmão mais
velho, que acalma e declara: Vai ficar tudo bem, o retorno é tranquilo, o
vendaval que vem do norte já sossega.]*

Tem uma planta bem viva no quintal, fica lá me lembrando de viver
mesmo em dias frios.
Tenho falado com os móveis e eles me contam sua história triste de
exílio em minha casa, imóveis há tanto tempo.
*Alguém me ajuda a empurrar essa estante? Olha o pé, está solto desde sempre.
[Tem uma fresta em rompimento na porta da fachada. De lá ouço alguém
trazendo boas novas, como em sussurro, o alento de que tudo volta a ser seguro.]*

Respirar o ar puro que vem de lugar nenhum. Talvez, nesses dias
rarefeitos a gente respire de dentro. Aspire de fora.

Sucumbe e levanta, faz um inventário de perdas e ganhos.
Inconsciente, na consciência de quem espera que o amanhã seja mais
belo
Uma prece, um estalo no telhado... Indícios de um bom presságio.
*Tem alguém aí fora? Se tiver, mande um sinal em poesia, um assofro, um bom
dia.*
*[O vento leste se acomoda na entrada principal. Não se avexe, entre logo, te
esperava como se espera um amor ao meio dia.]*

JÂNGAL DE CARAGUATÁS

Alexandre Morais Paulino

Da
Mata
Não foi. Ele
De uma terra distante...
Por aqui chegou e, se instalou e,
Se consagrou a besta
Tão fera a ferir com sua
Foice os pulmões dos seres
Viventes, aos milhares os
Mortais moribundos em martírio
Moveram-se para o além...
Moveram-se para os lugares além
Dos olhos. Tão além dos olhos...
E, para deter a besta tão fera em
Sua libitina fome que a tantos levou.
Longe uns dos outros ficamos distantes.
E, vimos nossos irmãos de branco no
No olho do furacão lutarem pelo ar
A fluir nos pulmões combalidos.
E, os olhos miraram o mar
Na espera de que do
Mar a esperança tão
Sonhada venha,
Venha já no
Vento leste
Resgatar,
Vem,
Vem,
Vem,

Venha
Vento
Leste,
Nosso lestinho
A vida resgatar
Dessa invisível
Fera a levar
A todos para
Longe da
Esperança
Vinda do
Mar. Para
Que todos
Possam
Voltar
A amar,
A
Seguir.

ENFRENTANDO AS INTEMPÉRIES

Gilliard Santos

Momentos difíceis – conforme eu figuro –
De um mar agitado e cruel tempestade;
A flecha do frio e do medo me invade
E eu fico parado, me sinto inseguro...

Um vento terrível, em golpe tão duro,
Provoca terror e devasta a cidade,
Destrói o que encontra, não tem piedade
E põe-nos em dúvida sobre o futuro.

Devemos, contudo, pensar com clareza...
Se não reagirmos, não há quem o faça,
Portanto, o caminho é lutar com braveza.

Pois mesmo enfrentando a mais grave desgraça,
Só temos conosco, de fato, a certeza
De que isso termina. Porque tudo passa!

EURUS

Inaê Sodré

I—

Tudo tem seu tempo!
O êxito da conquista. O êxodo da partida.
Como se ida fosse vinda dos homens
Da embarcação ao fato que lhes destina.
E ensina a direção dos ventos.
Dos Peixes. Dos barcos à deriva.
Como se barco fosse Corpo. Casa. Alma.
A bússola de sua sina.

II—

E eu, Mar aberta. Extensa. Vasta.
Enfrento borrasca. Tormenta. Pé d'água.
E no segredo da arca,
Uma Caixa de ouro descoberta.
E no meio da Noite, os Quatro Ventos de açoites.
Livres, assopram.
Como se Sopro fosse mensagem profética.
Para abrir os olhos. Para revelar o vento que nos arranca.
A mudança. Depois da tempestade a bonança.
A hora de se acalmar...

III—

E o Mar em seu ritmo de dança,
Balança sua calda. Agita suas ondas.
Afina sua voz e começa a cantar.
Como se canto fosse melodia e feitiço.
Como se voz fosse perigo
De se perder nos braços do Mar.

Aberta. Extensa. Vasta.
A mulher em sua dinâmica não para de cantar.
O seu canto, soprano. Afinado.
Como os Quatro Ventos nos quatro cantos do Mundo
Não param de assoprar.
Uns sopram os barcos que bordejam desalinhados.
Outros balançam os mastros. Empurram as velas.
Enquanto os navegantes velejam encharcados.

IV–

Uma nuvem plúmbea se aproxima para anunciar
Os grilos. Os delírios.
Os sonhos das cabeças dos homens
De jogar a rede para pescar o Pão de cada dia.
Como se Pão fosse multiplicação de Peixe.
E num feixe de luz, o milagre acontecia.

V–

Tudo tem seu tempo!
Tempo de partida. Tempo de chegada.
E na noite desbotada entre a treva e o cinza-claro,
Um pássaro notívago pousa em sua barca,
Cantando augúrios. Anunciando previsão.
Um Corvo.
Seu dorso reluzia um novo de afinação.
Era um canto de Luz de uma manhã descompassada.
E todos os homens avistavam o pássaro noturno
Na despedida do breu.
Onde o sol nascia lento por baixo de suas asas.

VI–

Os bons ventos sopram as horas que se desdobram.
A terra à vista nos olhos despertos.

O Cardume sobre os pés descalços,
Debatiam-se prateados sob o sol amarelo.
No barco, os homens com seus ouvidos tampados.
Animados, começam a remar.
Como se os remos quisessem ser asas,
A barca desliza sobre as águas
Como se fosse puxada por uma linha
Para aportar na linha de chegada.
E vinham, como se o Mar fosse Labirinto.
Como se Poseidon fosse filho do Tempo,
Como se os Ventos fossem Deuses. Mitos.
Aportam.

VII—

Os homens alegres descendo de sua barca.
Canta a abundância, o coro, em voz alta.
Como quem soubesse
Que as embarcações foram trazidas,
Incólumes
Pelo Vento Leste, de volta, para suas casas.

VIII—

À sombra de uma árvore,
Uma mulher tece uma rede de arrasto.

Penélope, à espera do amado.

MARINHEIRO DO AR.

Gabriel Arago

Lança o anzol
onde apontar
a intuição;
ele que tem
o signo do vento leste,
brincos de gelo
e isca em forma
de nuvem.

Atento às
preocupantes,
seríssimas coisas
vagantes no céu,
dá linha, puxa.

O porvir morde,
o raio descarga;
tem vezes que assusta,
às vezes empaca.
Tudo é pescaria,
sobretudo
a espera
calada.

Desentende a alcunha
de aventureiro,
posto que seu paradeiro
é ir para voltar.

Surfista de sopros,
pega um lestinho,
encosta a jangada
bem de levinho;
agora é tarde.

Seus filhos felizes
em volta da mesa:
marinheiro do ar
trouxe o amanhã
pro jantar.

LESTE

Elizângela Pinheiro

Vento 1

Foi mesmo ali
Frente à Lagoinha,
Aos penedos litorâneos,
Às árvores sagradas,
De águas cristalinas
Que me tomaste nos braços
Como se mais mundo
Não houvesse.

Pelas areias puras
Bem mesmo ali
Tomados pelo vento leste
Construímos a nossa casa.

A lestada vem
Parte os ossos
Petrifica os dedos
Umedece os cabelos.

A primeira vez que me tocaste
Nem frio senti
Pois estavas ali.

A segunda vez que o vento retornou
Eu já estava mais branda
Queria aliar-me a ele,
Queria poder crescer como roupas

A voarem pelos céus
E clarear meu espírito.

Na terceira vez
Tu já não estavas.
Mas também já não estava
A casa e o dia.

Fomos apenas eu e o vento leste
Que me cortou
Entrou pelas frestas das minhas paredes
Rasgou minhas roupas
Alijou-me de toda a culpa
Por te ter escolhido.

O frio maior não era do vento
Mas da dor de me teres abandonado
Pela traição,
Pela indiferença
E pela solidão.

Na Lagoinha permaneci.
Não consegui caminhar
Correr
Voar
Marte
Vénus
Algures
Alhures.

Depois
Ainda sem jeito nas pernas

Sem voz para gritar,
Estatuei-me.
Adiante
Corria de quem me abraçava.
Nunca mais queria amar.

Tornei-me amiga
Das tempestades,
Fui para a Europa.
Estive com as bruxas perversas
E resolvi ser inimiga dos marinheiros
Fenícios
Etruscos
Anjos
Ninfas
E de todos os filhos de romanos.

Vento 2

O retorno do ventinho
Resignado
Tal como eu
A eximir minha culpa
Sob o pretexto de que eras bravo
Livre
Defendias o povo dos desmandos políticos.

Malatesta teria orgulho de ti.
Durante as grandes colheitas
O vento leste contribuía e
Tu um camponês
Aprendias com os chineses

A plantar e colher
Um neto de italiano
Ceifando arroz nos campos
Em Xinjiang.

Enquanto isso
Eu senhora dos trovões,
De mim
De toda gente
do rio Oyá,
Voltei para os ares
Fiquei junto de Airà
Ao lado do vento da morte.

Aprendi com os morcegos
A andar pela noite
A beber sangue de gente
E não confiar em ninguém.

Vento 3

Agora com o luto
Pelos que morreram
Pela presença do invisível.
Os amigos que se foram
Os artistas a lutarem
E
Nada.
Pedregulhei-me.

25 anos
Sem te ver.

Sumiu como fumaça.
Eu sem ti para me trazer os peixes
Nossa mesa ficou vazia.
Depois de tê-lo perdido
O vazio assombrou-me.
Casei, engravidei
Larguei.
Mas é de ti, meu camponês, que me recordo
Nesses dias de ventania
Agonia
Sangue
Medo
À espera de não sei o que.

Eu ventania
Nunca mais molhei meus pés naquelas
Águas.
Nunca mais fui à Lagoinha.
Me derreti.
Nunca mais andei de barco.
Me entreguei
Amei
E até hoje nunca mais.

POEMA AO VENTO

Francisco Falabella Rocha

*Sopro de paixão, sofrimento e afeto: Páthos.
Lei universal: a linha torta como método.
Ela fizera da escrita o seu Êthos.*

PRÓLOGO

Em seu sobrado, a oeste do vento,
A mulher trancada em um quarto
Enterrara a mãe (em pensamento).

Relapso de rancor e momento.
Dentro dela, amparo e descarto,
desembaraço – um desenlace lento.

Na solidão do presente-passado,
A desordem é moinho advento.
Eis um rosto talhado e sagrado,
cravado em eterno ar de lamento.

PRIMEIRO ATO

Felina com asa ou Arcanjo?
Anjo (im)perfeito estado:
Ser feminino-abstrato.

Assim ela lembrava: a mãe Vânia era mulher-pássaro,
Poetisa eterna, claro-enigma, cultuada no anonimato.
Imortal em seus rabiscos, riscos, seu verso era bárbaro.

Não adiantava discutir, argumentar o inevitável.
Da ordem mítica das coisas: uma certeza inquestionável.
O tempo simbolizado no vento, era o retorno ao ventre: o fim
indispensável.

Assim dizia Heráclito de Éfeso, ao leste da filosofia.
O Devir da vida (e da poesia) nos mostra alquimia.
Nada é eterno, nem o luto ou a alegria.
O vento esculpe a montanha em lenta magia.

SEGUNDO ATO

Foi o vento leste que trouxe alento ao seu dilema.
Violeta versou a mãe (em papel) e atirou pela janela o poema.
Vânia transformada em palavras picotadas, no céu voara.
O vento leste condutor: trazia de volta para casa o caixara.

Rodopiar, bailar, aproximar e afastar:
Pensamento é esse ato constante de voar e voltar.
O prazer está na viagem e não no chegar.

Encontrar o caminho é se perder de verdade.
Amor verdadeiro traz eterna saudade.
O verso Mãe sacodia, como tornado, com ambiguidade.
Perdida no ar, Violeta já não sabia:
Vânia era prosa caótica ou poesia lírica?
Era quadrada ou cilíndrica?
Sóbria ou etílica?
Profunda ou vazia?
Vento destruidor ou fonte de energia?

TERCEIRO ATO

Sopro constante.
Brisa costeira.
Vento levante.
Tempestades de areia.

Que rima o vento faz?
Que estrofe ele traz?
Dos quatro ventos, apenas um se refez.
E de repente, na filha essa dor se desfez.
A leste do vento trouxe de volta a ela vocês:
Palavras airadas, poema de solidão compartilhada.

EPÍLOGO

Ilha no céu, estrela no mar.
Só vou te dizer, quando o vento voltar.
Do amor (primeiro) de escrever ondas no ar.
E assim lhe salvar.

Junto ao meu pensamento: como um poema ao vento.

CONTOS

UM CAFÉ NO SERTÃO

Matheus de Jesus Fernandes

Apoiado na janela do pequeno casebre onde vivia, Sérgio contemplava o amanhecer. O sol erguia-se preguiçoso no horizonte marcado pela vegetação de mandacarus e xiquexiques que cresciam na frente de sua moradia. A areia vasta do sertão apresentava tonalidades rosas, lilases e azuis, refletindo as primeiras cores pintadas pelo crepúsculo. Próximo de alguns arbustos, um preá procurava por algo que Sérgio não soube identificar. No alto, um carcará já sobrevoava em círculos no céu, enquanto seu pio anunciava um novo dia na região da caatinga.

Afastou-se da janela, trazendo consigo o rádio que tocava canções de Dominginhos, indo em direção à cozinha para o preparo do café matinal. A casa encontrava-se ainda em profundo silêncio. Todos dormiam, exceto ele, que em poucas horas teria que caminhar alguns quilômetros até chegar ao trabalho rotineiro.

Enquanto apanhava o papeiro pendurado na parede, enchendo-o de água para fervê-la, Sérgio refletia sobre as mudanças que lhe ocorrera no decorrer dos anos. Já adicionava o açúcar e o pó de café, no momento em que as reminiscências o evocaram para os tempos longínquos de imprudências da juventude; das aventuras com os amigos de outrora que já não tinha mais notícias; o dia em que conseguira o primeiro emprego e da felicidade que sentira. Lembrou-se do dia em que conhecera a mulher que se tornaria sua esposa; de quando os dois se casaram, fazendo com que Sérgio deixasse a casa em que crescera para ter a sua própria moradia. Recordou-se dos ganhos e perdas, dos inúmeros erros e acertos, das alegrias e tristezas da vida. Por último, via nitidamente através das lentes de sua memória o nascimento dos filhos e de como ficara eufórico, dizendo para si que era o homem mais feliz daquele sertão.

Ao refletir sobre essas coisas, o homem fazia movimentos vagarosos no papeiro, observando seu reflexo e as rugas que surgiam ao redor dos olhos, as pálpebras que começavam a se cansar, reivindicadas

pela ação do tempo. Sentando-se à mesa, esfregou os olhos para dissipar o sono, dispondo pães e bolos diversificados para a primeira refeição do dia.

Deu o primeiro gole de café, saboreando a bebida quente. Naquele momento aquilo o fazia feliz, embora não soubesse o porquê. De repente, ouviu arranhões na porta da cozinha que ainda permanecia fechada. Pegou um dos pães, partiu-o ao meio e dirigiu-se à porta. Conforme ia abrindo, as unhas contra a madeira aumentavam de maneira insistente do outro lado. Assim que abriu, Pimenta surgiu em meio à escuridão que dava acesso ao quintal; o rabo balançava freneticamente, enquanto rodopiava alegre ao ver o dono. Afagando a cabeça do cachorro, deu o pedaço de pão que trouxera, enquanto o animal abocanhava vorazmente o alimento.

Sérgio notou que caía uma fina garoa, coisa rara naquele lugar. Aproveitou para inspecionar a pequena horta de cebolinhas, abobrinhas e outras hortaliças que plantara nas últimas semanas. A vida mostrava-se a ele, germinando e exibindo vagorosamente os seus frutos. Tocou na terra úmida, sentindo de modo prazeroso a textura. O homem esboçou um sorriso contente. Olhou para o céu, fechou os olhos e fez um agradecimento silencioso ao Criador. Naquele momento, Sérgio sentia que ele, com a sua horta, seu cachorro e sua família que dormia placidamente era o que havia de mais importante no mundo. Para ele, aquilo era o inestimável, o sagrado.

Voltou à cozinha para terminar o café já quase frio. Pimenta o acompanhou, enquanto exibia a longa fileira de dentes afiados ao se espreguiçar. Sérgio deu o último gole da bebida, verificando o relógio. Estava na hora. Ordenou a comida na mesa, lavou o papeiro e a xícara, desligou o rádio e foi para o quarto organizar as coisas antes de partir. Enquanto fazia tudo em silêncio, parou para observar a esposa que dormia, contemplando-a como se fosse a primeira vez. Aquele seria um longo e cansativo dia para Sérgio, todavia, sabia que ao entardecer, retornaria para sua casa, para o conforto da família. O pensamento de que encontraria a mulher, compraria na cidade algum brinquedo para os filhos

e seria recebido alegremente por Pimenta, motivava-o para as batalhas diárias a favor da felicidade daquela casa, o que atenuava quaisquer dificuldades que pudessem surgir.

Abriu a porta da frente do casebre, respirando o ar fresco e úmido da manhã. Despediu-se em pensamento da mulher e dos dois filhos, dizendo para si o quanto os amava. Notou que o preá ainda permanecia por perto, talvez à procura de alimento, o que fez com que Sérgio lembre-se um pouco dos momentos de adversidades na infância. Procurou também pelo carcará, mirando atentamente o céu e as árvores secas, não demorando muito para que o localiza-se em um galho próximo. O pássaro, ao notar sua presença, o encarou por alguns segundos, até voltar novamente sua visão para o horizonte. Sérgio perguntava-se o que a ave, agraciada por tamanha habilidade ocular, estaria observando. Desejou que um dia pudesse ser como ela, de conseguir enxergar além de todas aquelas circunstâncias, de visualizar o que ninguém mais conseguiria, mirando sempre adiante, transpassando obstáculos.

O carcará examinou novamente o homem de maneira inquisitiva, quando este já virava as costas, deixando os devaneios para trás. Tinha que ir para a pequena cidade próxima, para o velho emprego. Sonharia depois, quando tivesse mais tempo.

O sol já havia se erguido consideravelmente, enquanto Sérgio sentia familiarmente sob os pés o chão árido do sertão. Caminhava a passos lentos em direção às batalhas daquele dia. Embora sonhasse com grandes coisas e lugares mundo afora, era grato por tudo que possuía, até mesmo por aquele lugar quase inóspito. Desse modo, caminhava aquela simples figura em todo aquele quadro natural de seca e quase total calor, não fosse por uma fina brisa vinda do leste que lhe afagou o rosto. Olhou na direção em que o ar viera e observou ao longe sua casinha. Sorriu com satisfação. Naquele momento, sentiu-se novamente feliz.

A PUJANÇA DO AMANHÃ

Cadu Mohrsted

A brisa soprou para longe as mazelas que assolavam toda a terra. O cenário era devastador. A tristeza nas trincheiras da alma de diversas casas. A enfermidade levou anseios, sonhos e possibilidades, mas não foi capaz de destruir a chama da confiança no coração machucado daqueles que têm fé.

E foi assim que Zé acordou naquela manhã, em seu pequeno humilde vilarejo. Os olhos calejados de quem havia perdido tudo. Do pouco que tinha, nada sobrou. A plantação destruída, a despensa vazia.

O corpo do velho cachorro, amigo da tantas horas, estirado no terraço já sem vida. As lembranças da esposa, companheira de batalhas, parceira de derrotas e conquistas, presentes em sua mente. A chaga cravada na pele pela falta de despedida.

A ferida ainda aberta por se lembrar de vê-la agonizando na porta do hospital que, com as portas cerradas, negara a atendê-la. O bilhete escrito à mão informando que não havia leito disponível, o segurança o encarando sem compaixão por entre a fresta da janela, o descaso os deixando por conta do próprio destino.

Dona Januária foi embora como bicho. Jogada na rua, esquecida e desimportante. Ouvindo os anjos a chamando aos poucos. A falta de ar, a sujeira, a tosse seca. Zé repetia seu salmo preferido e lhe assegurava que ia ficar tudo bem, mesmo sabendo que não ia. Velou a mulher ainda viva.

Agradeceu por Tobias, o filho mais velho, já ser homem feito e ter procurado seu caminho anos atrás. Nicolle, a do meio, tinha o casório encaminhado com rapaz direito, da vizinhança. Enquanto o menor, chamado por todos de Pimpolho, ainda precisava de sua guarida. Guardou forças em nome dele.

Por mais estranho que possa soar, foi um alívio perceber que Januária não estava mais ali.

– Descanse em paz, meu amor – desejou, com o peito encharcado

de lágrimas. — Que Nosso Senhor Jesus Cristo te receba de braços abertos.

Quando regressou, Pimpolho apresentou os mesmos sintomas que a mãe. Sabendo que não suportaria outra perda, pediu auxílio ao noivo de Nicolle. Após várias tentativas, o jovem levou o pequeno a um hospital na cidade vizinha. Sem ter como acompanhar, Zé e a filha passaram semanas se alimentando de oração.

Mas os ventos mudaram e trouxeram a luz em meio a tanta escuridão. A doença que assolava o mundo foi aos poucos se dissipando. Pimpolho retornou curado, apesar de ainda muito fraco.

Mas Zé não podia reclamar. Sempre acreditou que tudo aquilo ia passar, por mais doloroso que fosse. A natureza até pode trazer tempestades, mas sempre haverá uma flor a desabrochar na primavera.

E ela estava ali... um ponto rosa sobrevivendo à destruição, contrastando com o mato mal cuidado ao redor.

— Como será que ela nasceu, papai? — indagou Pimpolho, maravilhado por tamanha beleza.

— Com o poder do amor, meu filho.

— Queria que a mamãe estivesse aqui vendo também.

— Algumas pessoas quando descansam, se tornam estrelas. Mas Januária era tão especial, que Deus a transformou nesta linda flor, para que ela pudesse estar mais perto de nós.

A partir daquele momento, Pimpolho a cuidou com afinco, acariciando cada pétala, com todo carinho que possuía. Dedicado, em alguns anos, já havia crescido um vistoso jardim no campo aniquilado de outrora.

— Januária não é mais apenas uma — refletiu Zé, abraçado com seu filho, já crescido. — Agora ela é várias, ela é todas. Muitos tamanhos, tantas cores... Não importa como somos, só precisamos viver em harmonia. A diferença nos torna mais belos.

— Que possamos tirar uma lição deste capítulo de dor. Talvez, Ele só quisesse nos lembrar de que somos humanos.

— Mas vamos entrar. O entardecer está mais frio que antes por

essas bandas.

– O sopro divino permanece aqui para nos purificar – ensinou Pimpolho, de olhos fechados e com o sorriso em direção ao céu. – O mesmo vento que limpou o ar sombrio da melancolia e nos trouxe a esperança de um novo raiar de sol, semeou o meu jardim de mamães.

LESTINHO E O PENSAMENTO

C. R. Malaquias

Quando José nasceu foi para morrer. Ele não tinha família, ele não tinha casa, ele não tinha saúde. Ele só tinha a si mesmo. Seu corpo e sua mente. Nem voz, o danado tinha. Pobre até de alma, porque sem a gramática não poderia aquele humano magro, maltrapilho e mal amado, ser subjetivado. Mas José não era nem tolo nem ignorante. E onde lhe faltava palavra, transbordava pensamento. E onde lhe faltava alma, era pleno de desejo. Tudo em José era vazio, mas José era o próprio preenchimento. Quando algo acontecia, acontecia a José o desejo. O desejo não era falta, era força, e quanto mais José se fortalecia, mais se tornava pensamento, e quanto mais José pensava, mais se tornava movimento, e quanto mais José se movia, mais se fazia vento.... Ele era produtor de si mesmo. E cada vez que ele comia, comunicava sua força à vida. E todo vez que ele não comeu, comunicou sua força a Deus. Perseverou, o danado. Perseverou no mar, na areia e no mato. Perseverou no corpo, na mente e no barco. Perseverou tanto que José era isso: esforço! Ele se esforçava para encher a boca de peixe, mas quando o peixe faltava, ele se esforçava para encher a boca de pensamentos... Ora, os pensamentos daquele humano esforçado não significavam nada. E para quem os vissem no calçadão da praia, não serviam de nada. Eles não reclamavam. Eles não reivindicavam. Eles não ressentiam. Os pensamentos de José o produziam. Não era coisa do protagonismo. Era coisa do vivo. Não era coisa de José. Era coisa do "lestinho". Lestinho era o seu apelido. Lestinho, para os íntimos. "Lá vem o José", diziam, "com o seu corpo e com a sua mente, com o seu desejo e com os seus pensamentos". Lá vem o vivo, eu diria. Não só trabalho. Não só isso. Lestinho não trabalhava. Lestinho só desejava ir ao mar e voltar à mata. Lestinho, mesmo faminto, maltrapilho e mal amado, sempre retornava. Ainda que para um esforço cada vez maior.

Certa noite José não voltou. Conta-se que um vento contrário se misturou ao Atlântico produzindo ondas que afundaram as embarcações. Os pescadores tombaram e os peixes voaram. Os pescadores morreram e os peixes sobreviveram. Foi uma noite de avessos. Uma noite de rajadas e raios. Uma verdadeira queda de braços. Uma tragédia. Pela manhã não havia nem peixe nem pescador na praia. Só perda, prejuízo e palavra. Até de José, o magro, sentiram falta. Tudo virado. Tudo afogado. Tudo engolido. Tudo morto e perdido. Nenhum protagonismo. A potência do vento contrário ainda mais forte que a potência do nosso querido "lestinho". Quanta tristeza, meu Deus. Quanta gente que não comeu, mas que também não desejou. Quanta coisa que não morreu, mas que também não pensou. Quanta gente que reclamou, que reivindicou, que ressentiu. Quanta gente, meu Deus, que não se calou. Só falou a dor. Só falou a dor. Só a dor falou. Era só palavra e dor, na areia da praia, na manhã em que José não voltou. Nem vida, o danado tinha. Pobre até de memória, porque sem a cova não poderia aquela alma, sem corpo e sem mente, ser ressignificada. Os humanos morreram. Os nomes foram esquecidos. Mas a tristeza foi imortalizada pelo jornalismo. Outros humanos morreram naquele dia, naquela praia. Outros humanos tombaram e se afundaram naquela tristeza estampada. Alguns, mais fracos ou frágeis, foram suicidados. E só ficou no mar e só voltou à mata o que era vivo. O vivo perseverava. Perseverou no mar, na areia e na mata. Perseverou no corpo, na mente e no pensamento. O vivo não era memória. O vivo era desejo. O vivo não era ideia. O vivo era força. Era o próprio acontecimento. Era o vivo produzindo a si mesmo. E quanto mais produzia a si mesmo, mais se fazia vento.... E quanto menos a boca falava, mais se fazia pensamento...

Certa noite a alegria voltou. Os pescadores retornariam do mar e os peixes retornariam com os pescadores. A lua brilhava e o Atlântico cintilava. Chegava a hora de voltar à mata. "Lá vem o lestinho", disseram, "sem o seu corpo e sem a sua mente, sem o seu desejo e sem os seus pensamentos". Lá vem o vivo, eu disse. O vivo, aquele danado, sempre retornava. Alegria era o seu apelido. Alegria, para os íntimos. Não havia

mais como distinguir o humano e o vento, nem pela palavra nem pelo pensamento, pois ambos eram puro desejo. Desejo de imanência. Desejo de perseverar na existência. E não fosse o vento contrário, o barco afundado, o pescador morto, o vivo não seria tão precioso. Não só a vida. Não só isso. O vivo não vivia. O vivo só desejava ir ao mar e voltar à mata. Ainda que para um esforço cada vez maior. Um esforço, eu digo, em cada um de nós. Nem morte, o danado tinha. Ele não tinha a gramática, ele não tinha a memória, ele não tinha a cova. Ele só tinha a si mesmo. Sua força e seu pensamento. O vivo, ou seja, o vento. E como todos depois da tragédia se esforçaram, e como todos naquela praia perseveravam, não deu no noticiário, mas todos voltaram a sorrir...

MARIA AO MAR.

Aurora Vilela

Nuvens cinza no mar aberto. Brutas ondas, prenúncio de tormenta. Água salgada e mais nada. Maria balançava, ia e vinha, sentada na velha canoa de madeira. Capuz na cabeça, maresia melada lambendo—lhe a face antiga. Mãos fortes, fundas rugas cavadas pelo tempo. Ventava. No fim do horizonte, filetes de luz ligavam céu e oceano, esses dois infinitos. A maré batia com violência no casco da canoa. Ia e vinha. Maria, pescadora, sabia que não tinha mais idade para estar ali sozinha. Morreria feliz, se morresse. Esperava o dia que o mar a levasse. Levava tantos, menos ela. O mar não a queria. Enquanto não ia, lembrava.

Lembrava de décadas remotas, nos idos de 2020. Era moça mais feliz que o sol, com seus vinte anos, o futuro inteiro adiante. Todo dia pescava, limpava peixe, filetava e vendia. Às vezes cismava de catar caranguejo no manguezal e vendia. Catava também búzios e conchas, transformava em pulseira, brinco, colar, enfeite e vendia. Gostava do que fazia. Nascida e criada em comunidade caiçara. Dos pais pouco lembrava— foram embora, queriam outro destino, sem pescaria, sem Maria. Crescera com os avós, os pés livres na areia. Aprendera tudo com eles.

Amava o mar inteiro. A cor, o som, o cheiro, a vida que vinha dali de dentro. O mar dava alimento, sustento, ocupação, divertimento. Dava tudo. Deu até de encontrar no mar o amor. Presente bonito trazido pelas ondas enquanto pescava sozinha como sempre. Avistou perto de si uma canoa desconhecida. Nela pescava um rapaz de cor irresistível, como cocada queimada, seu doce favorito. Era Tito o nome dele. Jovem como Maria, trabalhador como Maria, feliz como Maria. Mas era iniciante no ramo, estava aprendendo. Não tinha crescido naquele meio. Ela nascera Maria pescadeira. Tito era doce, ao contrário do oceano.

Ficaram amigos, depois namorados, tudo tão rápido quanto suave. Amor manso feito mar sossegado que embala pescaria. Não se aguentavam, ardiam. Namoravam à tarde em alto mar, sob o sol, na dança

das ondas. Não conseguiam mais ficar longe um do outro. Casaram no papel, coisa séria. Teve vestido simples de renda branca, flor no cabelo e chuva de arroz no final. A vida era boa, meio doce, meio salgada.

O casal morava na modesta casa de Aquino, avô de Maria, que vivia adoentado na cama, cuidado pela neta. A avó, Violeta, morrera pouco antes. A jovem recém-casada se dividia entre o mar e o lar. O sol sempre brilhando em si. Não faltava nada. Era feliz. Tito se mostrava companheiro, amável, rapaz bom, trabalhador. Fazia tudo para dar um futuro melhor a Maria. Dizia que aquela cansativa rotina pesqueira ia mudar. Teriam dinheiro, riqueza, conforto, grandeza. Mas Maria não queria outra vida. Amava a velha casa de pescador, a comunidade, a areia, a água salgada. Estava acostumada ao trabalho, ao sustento que o mar dava.

– Tá bom assim, pra que mais?

Tito não ouvia. Trabalhava dia e noite. Queria fazer dinheiro com a pesca e depois procurar outra ocupação. Logo conseguiu comprar um barco com motor. Embarcação simples, é verdade, ainda pequena, de madeira, mas tinha certo porte. Cabia mais pescado dentro, teria mais ganhos. O motor permitia alcançar águas mais distantes, com mais peixes. Águas mais expostas, mais abertas, mais revoltas. Tito queria uma vida melhor. Pediu para Maria escolher o nome do novo barco. Usando tinta vermelha, ela escreveu no casco branco, com letra caprichosa: Amado. Tito aprovou. Sentiu-se contente e cheio de sorte.

Os dias passavam rápido com tanto trabalho. Maria participava. Deixou de lado sua velha canoa Marieta (que ela batizara ainda criança, misturando seu nome ao nome da avó), para ir junto de Tito nas pescarias no novo Amado. Madrugavam, saíam antes do sol despontar no céu. Braços fortes, suor, sal. Uns dias o barco voltava cheio, outros dias, nem tanto. Maria sabia que era assim. Tinha aprendido desde pequena que o mar decide. Sabia ouvir o vento, observar as ondas, respeitar as águas. Ela amava a vida do jeito que estava.

– É o paraíso, né não?

Mas as correntes mudam, o tempo vira, tudo se transforma.

Barcos enormes surgiram nas águas que sustentavam os pescadores da comunidade. Nada sobrava onde as malditas embarcações tacavam suas redes de malha fina. Tiravam toneladas de peixes do mar num só dia. Levavam embora a fonte de renda dos pescadores artesanais. Tempos difíceis começavam. Tito queria uma vida melhor. Trabalhava cada vez mais, saía mais cedo, voltava mais tarde. Maria acompanhava. Vô Aquino sempre de cama. Fome não passavam, Maria sabia. Tinham água de côco verde, galinhas no quintal, mandioca, jaca, banana, caranguejo e os poucos peixes que vinham do mar. Primeiro garantiam a subsistência, depois vendiam o que sobrasse. Era pouco. Não era o tanto que Tito queria, mas para Maria bastava.

O rapaz decidiu que dali em diante não seriam só os dois no barco. Três pescadores amigos da comunidade iriam a bordo com eles, na tentativa de tentar tirar mais do mar. Maria dizia que não precisava. Tito dizia que era preciso. Ele não respeitava mais as mudanças das marés, dos ventos, do tempo. Estava cada vez mais difícil conseguir peixe. Ia cada vez mais longe buscar o sustento. Tito queria uma vida melhor. Maria sentia-se cansada, mas continuava.

Uma manhã, acordou esgotada. A cabeça doía, o estômago revirava, chegou a vomitar. Sentia-se fraca. Mas era pescadora, não podia parar. Tito se arrumava para sair antes do sol. Viu que a mulher não estava boa, insistiu que ela ficasse. Disse que os amigos o acompanhariam na pesca. Entrava pela janela aberta uma ventania que chacoalhava o móbile de conchas feito à mão por Maria. Não era vento favorável. Vô Aquino notou. Conhecia de vento. Da cama, fraco, falou para Tito ficar. Maria, passando mal, pediu mais de uma vez.

– Vai hoje não. Fica. Nem vai ter peixe hoje com esse tempo ruim.

Mas Tito queria uma vida melhor. O que viesse seria lucro, precisava ir. Despediu-se dela com um beijo e um abraço, envolvendo o corpo cansado em seu calor doce, de cocada queimada.

– Vai hoje não.

Tito foi. Saiu pelo mar revolto a bordo de Amado com mais três

pescadores. Maria fechou as janelas, guardou-se em casa. O sol ainda não tinha nascido, era madrugada. Ventava muito. Voltou para a cama e pegou no sono rezando pelo marido.

Maria acordou horas depois, assustada com o som da tempestade. Trovejava. A janela batia, o vento apitava pelas frestas. Dia cinza, de onda grande. Dia de pescador ficar em casa, mas Tito não estava. Acendeu uma vela, se pôs de joelho, passou horas ansiosa. Amado foi o único barco que saiu para pesca naquele dia. Saiu e não retornou, nem quando o mau tempo passou. A Marinha foi acionada. Buscavam pela embarcação e seus quatro tripulantes.

Não achavam nada. Duas semanas passaram. Maria acordava adoentada, fraca. Tomava chá para se acalmar. Olhava a caneca cheia d'água, via o próprio rosto refletido na superfície, imaginava Tito no fundo, submerso. Chorava. Mergulhada na dor, não vivia mais a realidade. Não ligava a televisão, não saía, não conversava. Só esperava. Maria não sabia, mas lá fora, desde a tempestade, vinha acontecendo de tudo, até uma pandemia horrível que fez todos se recolherem em suas casas. Os turistas sumiram, as lojas fecharam, os restaurantes pararam de funcionar, os enormes barcos pesqueiros se foram. A busca por Amado estava interrompida.

O vô na cama, embora doente, enxergava a tristeza da moça, sabia do sumiço de Tito. Tentava ajudar, dizia que o vento leste chegaria, aquele vento que traz boas notícias, que guarda o retorno seguro dos pescadores. Maria sorria, tentava acreditar, mas o tal vento não batia. Passou um mês na agonia. Acordou um dia decidida a sair, respirar, refletir, navegar. Queria colocar a velha canoa Marieta na água. Era dia bonito, quase sem onda. Foi para longe. Sentia falta daquilo. Sentia falta de Tito. Lançou a rede ao mar. Sentou-se. Esperava. A canoa balançava suavemente. Sozinha no meio daquele espelho infinito gritou o nome de Tito. Chorava. Berrou até a voz falhar. Pior do que ter qualquer notícia ruim era não saber nada. Mas mar é mistério. Traz coisas à tona, esconde outras. Maria pesqueira tirou a rede do mar. Não veio nada. Ela sabia que era assim. O mar dava o

que queria, quando queria. Para quê queria tantos peixes? Pensava que nem iria viver muito mesmo, andava ruim, meio doente. Nada parava no estômago, vomitava, sempre nauseada desde a madrugada sombria da partida de Tito.

Três meses se passaram. Tudo seguia igual. O mundo parado, Amado sumido, Maria doente. Numa manhã gelada, ao abrir a janela da casinha modesta, uma brisa suave acarinhou o rosto dela. Um sopro úmido, salgado, bondoso. Era o vento leste que entrava, o vento do retorno seguro, ela ouviu o avô anunciando da cama.

No final daquele dia, o mar mandou novidades. Um pescador que acompanhava Tito no barco Amado fora encontrado desnutrido, acenando por ajuda numa ilha rochosa minúscula e inabitada, a quilômetros e quilômetros dali. A embarcação que passava por perto o resgatou e o levou de volta à comunidade. Todos saíram das casas para recebê-lo. Maria se aproximou, os olhos encharcados de emoção. Abalado que estava, ele balbuciava palavras soltas. Pesadelo. Tempestade. Onda enorme. Afundou. Morreram. Maria chorava. Recebera enfim respostas.

Ele tinha em mãos o pedaço de madeira que o salvara, uma parte do barco que se partira e que o ajudara a boiar até a ilha. Permanecera com ele todo o tempo após o naufrágio. Esticou o braço. Entregou à Maria a parte do casco onde três meses antes ela escrevera, em letras vermelhas, Amado. Ela se agarrou àquilo como quem se agarra à própria vida. Se Tito tivesse voltado, se estivesse a salvo como o pescador resgatado, a abraçaria com seus braços doces. Seria o homem mais feliz ao ver a barriga de três meses que despontava, e ela nem percebera. Metade dele estava com Maria. O mar e seus presentes cresciam dentro dela.

A CURA

Viviane Ferreira Santiago

Em Ribeirinho não existem muitas certezas, tem muita falta. Falta água, luz, alimentação e saneamento. Falta gente, as que têm estão findando bem devagarzinho, seja na garupa do carroceiro que parte uma vez ao mês para a cidade, seja pela mão da morte. Mas, uma vez a cada trimestre, toda a terra que crê vislumbra o milagre do vento leste.

(...)

Foi pela criança que Sinhá Tonha fez a reza. Ela se ajoelhou em frente à santa e clamou com toda a alma para que o menino vivesse e não morresse ali, ainda pagão, sem saber nada dessa vida, com seus dois dias de nascido.

O menino nasceu mirrado, fora do tempo. A mãe morreu na hora do parto. Deu à luz e se foi. O menino ficou pra vó Tonha, que nem tinha mais idade pra voltar a segurar uma criança nos braços. Porém, segurou forte. Desejou que o neto vingasse, mesmo que fosse só pra ficar lembrando-se dos olhos da filha morta nos do menino vivo. Se vivesse seria por milagre, e milagre aqui em Ribeirinho é só de vez em quando. Contudo, ninguém fala sobre isso pra não diminuir a crença do povo na santa, que tem que fazer de tudo pela gente desse sertão, que mal come, e vive assim, numa misericórdia atrás da outra.

Levantou, meio que cambaleando, do chão duro de cimento rústico. A idade não perdoa ninguém. É feito a morte: quando chega, é pra pouca conversa.

Correu até o quartinho onde estava dormindo o neto, mediu a febre com a sola da mão enrugada e calejada pelo tempo e pela lida. O

menino quente, queimando, a respiração já fininha de quem não tem força que seja para um sopro. Um sopro de vida.

Se por um acaso, pela piedade de Deus e da santa, o filho de compadre Venâncio viesse ter por essas bandas... Morava aí a sina do menino: se ia embora junto dos braços da mãe, ou se ficava para somar mais dias aos da vó Tonha.

O filho do compadre era rapaz estudado, não se formou médico, mas usava branco, trabalhava nos hospitais da cidade. Quando voltava para ver os entes, até soro trazia para hidratar as crianças da rua. Um bom moço; ia poder ajudar a criança da Tonha, que nasceu assim, sem nenhuma graça, sem mãe e sem saúde.

Mas o homem que vinha de branco só aparecia a cada trimestre do ano. Vinha na semana contada que o vento norte findava e as janelas se aquietavam com a leveza do vento leste. Era setembro, se fosse outubro bem podia ser, mas em setembro... Nunca ouvi falar do vento adiantar um mês inteiro.

Sinhá Tonha correu para a pia e molhou um pedaço de fralda cortada ao meio. Ficou lá, em torno do menino, passava a mesma na água e assentava no corpo de ossinhos estatelados pelos rasgos da roupinha velha. Se sobrevivesse, ia se chamar Davi, porque era pequeno e valente, feito o rei que viveu tanto — bem podia dar desse tanto de anos que andou sobre a Terra alguns para que o neto da Tonha pudesse viver mais. Ah, se fosse possível...

O neto ia morrer, Sinhá Tonha já olhava com remorso e aperto no peito para o menino. Olhando de perto, bem de pertinho, até que era bonito. Um menino que bem podia sarar e viver com a vó por mais uns anos. Aprender a pegar lenha e ajudar no plantio... Ouvir as histórias de lobisomem que a vó contava para os netos dos outros, por nunca ter tido

um seu. Bem mesmo que podia viver pra Tonha poder sentir os olhos da filha que morreu para o menino viver.

Foi pra cozinha pegar um potinho de leite só para dar um pouquinho de alegria ao pobrezinho. Então pensou estar vendo coisas quando viu um vulto branco passar pela janela. Pensou logo ser a alma da filha que veio buscar o neto, deixando sua vó só neste mundo.

Quem quer que fosse, precisou passar três vezes e gritar bem alto para que convencesse Sinhá Tonha de que era alguém diante da porta. Abriu e nem pôde falar nada. Não tinha palavras para falar naquela hora, então apontou para o quartinho. O moço seguiu. Chegando lá, pingou umas gotinhas na boca do garoto, depois fez uma massagem no peito e deixou o remédio com Sinhá Tonha, com a indicação de ser dado por mais três dias.

Foi assim que o Davi renasceu. A cura veio junto do vento leste, que antecipou a chegada em um ciclo inteiro para salvar o menino. O homem de branco ninguém nunca viu. Nem mesmo seu Venâncio.

Mas para que ninguém duvide da santa ou da prece, e até mesmo dessa história que conto agora, basta ir a qualquer momento lá em Ribeirinho perguntar sobre Davi, o menino guerreiro que vive à solta pelas ruas, embalado pelo vento leste que chega em cura a cada trimestre, antecipando um mês caso uma única vó chore.

SOBRE MULHERES E SEREIAS

Mar

O vento soprava suave, porém constante, vindo de onde o sol nasce. O surto se alastrara na plataforma petrolífera onde meu marido trabalhava, como operador, na Bacia de Santos. Mais de trinta funcionários testaram positivo para o coronavírus. Iriam continuar as atividades com o mínimo possível de pessoal. Bruno voltaria para casa em um ou dois dias.

Nossa prainha era cheia de barcos, o que diminuía um pouco o turismo e o custo de vida, comparada com outras. Quando a indústria petrolífera foi chegando, os peixes começaram a ralear. Então, os pescadores que puderam, colocaram seus filhos no ensino médio técnico, para que pudessem ter uma carreira promissora. Bruno estava atendendo às expectativas.

Apesar de todas as dificuldades e pesares do risco da doença, eu pensava que era um presente tão bom, o vento trazendo ele de volta para casa. Iríamos ficar bem, iríamos ficar seguros. Nas duas primeiras semanas, meu marido tinha que fazer isolamento, era a recomendação. As chances de estar contaminado eram grandes.

– Talvez a gente não devesse dormir junto nem se tocar tanto – ele disse ao chegar, enquanto eu o abraçava e beijava muito.

– Até parece que eu vou ter ficado todo esse tempo esperando, para depois de você chegar, não poder fazer carinho.

Nós ainda éramos apaixonados. Eu estava feliz com sua volta. Era um alívio poder contar com o homem que amava nesse momento em que era recomendada a quarentena. Não queria ficar totalmente sozinha. Seria deprimente demais.

Nossa relação funcionava bem no mundo normal. Ficávamos três semanas separados e uma juntos. Passava meus dias cuidando da casa, passeando na beira da praia para olhar o mar e vendendo pinturas no centro, se fosse verão, ou apenas desenhando em casa, se fosse inverno.

Quando estava perto dele voltar, esmerava-me em comprar mantimentos com o dinheirinho que ele mandava e preparar tudo o melhor possível. Ele chegava sentindo minha falta e querendo me comprar presentes. Namorávamos muito. Pela manhã, quando eu ia levantar para começar a fazer o almoço, ele me agarrava:

– Deixa disso, meu amor, depois a gente vai num restaurante. Fica aqui comigo mais um pouquinho.

Certamente, agora não havia mais como ir ao restaurante. Mesmo pedir comida em casa era meio complicado, porque o salário dele iria ser cortado pela metade. Também não havia uma data de retorno, uma expectativa de ir embora, então ao invés de ser marcada pela saudade, nossa convivência era marcada pelo tédio.

Sentia-me bastante sobrecarregada com as tarefas domésticas, não reclamava, porém, afinal, era principalmente meu marido que sustentava a gente. Contudo, mais do que não ajudar, parecia que ele atrapalhava ao máximo, de propósito. Bruno passava o dia assistindo televisão e mexendo no celular. Cada vez que bebia alguma coisa, deixava um copo novo espalhado pela sala. Suas roupas estavam sempre jogadas e se deixava algo cair no chão, ele nunca juntava ou limpava. Eu esforçava-me a preparar pratos que ele gostasse, mas ele não elogiava minha comida, pelo contrário, eventualmente, criticava. Nessas ocasiões ficava meio chateada, se tinha energia, tentava melhorar o que lhe tinha oferecido, se não, apenas fingia que não escutava.

A gente gostava de uma cervejinha. Quero dizer, eu tinha parado de tomar, porque meu fígado não iria aguentar mais não, por causa dos anos de Perlutan. Agora, para compensar, Bruno estava tomando por nós dois. Passava, às vezes, desde a hora que acordava até a hora que dormia bebendo. Eu tentava fazer o almoço cedo e convencia-o a comer primeiro, o que ele costumava até aceitar. Entretanto, não adiantava muito, porque assim que garfava o último naco de arroz com feijão, abria a latinha. Se eu recusava-me a comprar, ele pedia telentrega. Se eu sumia com o telefone, ele simplesmente se levantava e dizia que iria ir ali no bar. Eu implorava

que não, afinal, foi a indicação, estava até no acordo trabalhista dele, que iriam pagar meio salário, porém teria que cumprir a quarentena, por causa do grande número de casos suspeitos na plataforma. Daí acabava eu, toda vez que ia ao mercado, fazendo rancho de cerveja.

É um estresse, um sentimento muito angustiante, ficar preso em casa sem saber se você pode, no fim, desenvolver esse vírus, morrer e pronto. Conseguia ver nos olhos dele o medo. Eu entendia, de verdade. Também percebia que a convivência era desgastante. Ninguém aguenta muito uma pessoa só assim 24 horas por dia. Queria, contudo, que ele tentasse ser um pouco mais compreensivo. Juro que estava fazendo o meu melhor. Talvez eu não devesse começar um assunto desses com ele bêbado, mas o que eu podia fazer se ele estava sempre assim?

– Sabe, eu acho que às vezes acaba acontecendo um sobrecarregamento das mulheres...

– O que você quer, Andreia? Você nem é mulher de verdade.

– Sou sim. Nem você, nem ninguém vai tirar isso de mim não.

– Você é um puto, isso sim. Um traveco.

– Cala a boca, idiota.

– Tá me chamando de idiota? Quero ver quem aqui é idiota.

Ele foi avançando em minha direção. A parede me encurralava. Deu um soco em minha cara. Depois apertou meu genital muito forte com uma das mãos:

– Cadê a mulher aqui? – ele ria.

Consegui desvincilhar-me de seus braços e corri para o quarto. Minha cabeça latejava, a dor no meio das pernas era humilhante. Tranquei a porta. Ele não insistiu em entrar. Sentia-me exausta e muito preocupada. Não tinha outro lugar para onde eu pudesse ir. Minha família não gostava muito de mim e eu não tinha emprego nem amigos próximos. Poderia simplesmente tentar me virar sozinha, contudo, com toda crise que crescia, como eu iria arrumar dinheiro? E se eu largasse meu marido para ser espancada na rua por um desconhecido qualquer? Nosso amor tinha sido tão bonito. Como isso foi acontecer?

Pulei pela janela, era mais fácil. Andei pelas ruas no fim da tarde, apenas levemente mais vazias que o normal. Quase metade dos rostos usavam máscaras. Voltei para mais perto da casinha e fui até a praia. Sentia as últimas brisas do vento leste passeando pelos meus cabelos. Elas sussurravam contra meus ouvidos, convidando-me à segurança líquida da água. Molhei os pés nas ondinhas de mar, os chinelos abandonados na areia. Estava um pouco gelado, porém aquilo me agradava. Fui indo mais para o fundo. Minha pele agradecia a sensação congelante, a qual entrava como agulhas em meus músculos, lembrando-me: estou aqui, estou viva. Nadei de roupa por horas. Sentia a água me acolhendo, acariciando todo meu corpo daquele jeito gostoso que apenas ela é capaz. A lua nasceu de dentro do mar. Cantei bem baixinho para Iemanjá, contando um segredo que apenas ela e eu podíamos escutar.

Algumas pessoas sabem, mas muitas não. A sereia é a mulher metamorfoseada da cintura para baixo. Esse é seu fascínio, isso que encanta e seduz tantos pescadores e o imaginário de tantos homens. Faz afundarem em rios profundos e mares revoltos atrás delas. Faz também as agredirem quando conseguem arrastá-las até a terra. Ela os engana, coitados, com sua beleza e sua voz. Porém, no fundo, seu amor é uma mentira, um artifício para matar bons rapazes. Mesmo que de fato os ame, nunca será completamente sincero, pois tem cauda, não vagina. Eu sei bem, eu sempre soube. Afinal, sou trans e meus antepassados, até onde tenho conhecimento, viveram na beira da praia. Sou, praticamente, a representação da sereia na terra.

Era bem tarde quando voltei para casa pela janela, encharcada. Tudo parecia silencioso, então fui dar uma espiada nos outros cômodos. Meu marido dormia no sofá. Tomei um banho demorado, peguei alguma coisa para comer e voltei para o quarto.

No dia seguinte, quando sai de meu refúgio, ele tinha feito café da manhã. Ofereceu-me torradas sorrindo e disse:

– Nossa que viagem ontem, né? Eu estava muito louco.

Muito louco. Isso lá era pedido de desculpas? Comemos em

silêncio. Passei o dia procurando anúncios de emprego no celular enquanto lavava e estendia roupas. Preparei um unguento de ervas para meu olho roxo. Nesse dia, ele não bebeu. Quando fui me deitar, Bruno foi atrás. Fez carinho na minha cabeça até ele mesmo acabar dormindo. Não falei nada.

Ficamos bem por um tempo. Ele lavava as louças depois que eu cozinhava. Começou a beber menos. Arrumava uns filmes para nós assistirmos. Dizia que eu era linda e que fazia o melhor tempero de feijão que existe. Conteí para ele que eu estava procurando trabalho.

– É uma boa ideia, se você está com esse desejo – Bruno concordou. – Mas não se preocupe, se quiser deixar as coisas como estão, por mim tudo bem. Não tenho problema nenhum em trabalhar e você continuar com os desenhos.

– É, porém agora seu salário está reduzido e só Deus sabe quanto tempo isso vai durar.

Alguns dias depois, más notícias: a empresa estava cortando funcionários, pelo menos um terço. Meu marido não falou nada sobre sua situação específica, apenas colocou muitas e muitas cervejas para gelar. Enquanto ele bebia, fui fazendo o serviço de casa o mais rápido possível e assim que baixou o sol, anunciei:

– Bom, estou cansada já. Vou indo dormir.

Passava da meia-noite quando acordei. Um vidro se espatifava em algum lugar. Era difícil processar tudo na velocidade necessária: algum acidente ou Bruno estava tendo um ataque de fúria? Repentinamente, ele adentrou no quarto. Pulei rápido da cama. Ele agarrou-me pelos cabelos e bateu minha cabeça na parede:

– Sua inútil! Eles vão demitir todo mundo e eu aqui que nem palhaço sustentando um homem feito que nem você.

Chutei muito forte sua canela. Ele soltou a mão de mim por um instante, suficiente para eu subir na janela já aberta. Sangue escorria de minha testa, em um filete fininho, como uma lágrima caindo. Por uma segunda vez, pulei. Ele conseguiu pegar a ponta de minha camisola,

resultando, de minha parte, em um pulo torto, que arranhou boa parte das minhas costas. Porém segui em frente, sem nem sentir.

Corri em desespero para a praia. A noite escura e vazia, todos em casa, no isolamento da madrugada. Ele vinha mais rápido do que imaginei em minha direção. Estava encurralada na areia. Hesitei por um momento e fui entrando dentro do mar. Essa hesitação definiu minha falha, ele alcançou-me, jogando-se em cima de mim.

Afogava-me na água. Suas mãos fortes, ainda que bêbadas, empurravam minha cabeça para o fundo. As ondas, indignadas, batiam na gente, tornando o equilíbrio dele mais difícil, mas por outro lado, o meu também. Ele insistia na violência de me afundar a qualquer custo. Esquece, todavia, que não sou simples mulher, sou sereia. Minha pele escorrega de seus dedos. Consigo sair nadando, por horas, se necessário. Uma ventania de revolta enche os ares, recebendo-me. Estou de volta ao meu lar, enquanto Bruno se afasta do dele.

DE ESTE, ESTE LESTINHO

Amílcar Neves

Na verdade, eu sei como vim parar aqui – só que não lembro de nada. Eu sei que sei, mas não consigo ligar os pontos, atar as pontas, encontrar o fio da meada. Não é como se tivesse me dado um branco, nem como se a minha memória tivesse falhado, faltado.

Talvez eu tenha bebido demais. Ou até me drogado. Mas tenho a convicção – embora não a certeza, desprovido de provas e documentos – de que não foi tampouco isso. O verso de uma música macabra ressoa na minha cabeça. Um verso único, de uma única palavra. Posso tentar pensar em alguma coisa, posso procurar avivar minhas lembranças – que estão lá, sinto-as, sei delas, mas elas se afiguram a mim como se fossem traços totalmente desbotados, de contraste zero: como se alguém tivesse criado uma belíssima imagem, estonteante, enlevante, cativante, usando lápis branco sobre papel branco: você até consegue vislumbrar fragmentos dos traços desenhados jogando com a luz, enviesando o papel, buscando reflexos, tentando sombras, mas não apreende jamais o conjunto, pois, para este efeito, precisaria apreciar a obra a uma distância tal que ela, esta distância, te rouba os detalhes e a incidência adequada de luz. Ou seja: você sabe que o desenho está lá, mas não pode descrevê-lo pela impossibilidade prática de vê-lo. Assim minhas lembranças, recentes ou remotas. Sei que existo, sei que tenho uma história, mas não me é permitido ir além disso. Não me é dado abranger a trajetória que percorri, o passado do que fui, o presente do que tenho sido.

Sinto frio. Acho que está frio. Não frio demais, mas frio de incomodar, de desconfortar. De algum lugar percebo que me chega um vento, na verdade uma aragem, uma brisa discreta e sutil, mas que se faz notar: como se não existisse até agora e então se anunciasse, a modo de me indicar que algo mudara, ainda que tivesse sido apenas um movimento preguiçoso da atmosfera, o cancelamento momentâneo do seu plácido repouso.

Sinto-me confuso como se andasse em zigue-zague, desorientado e perdido. Para onde eu deveria estar indo neste momento? Talvez mais precisamente: onde eu deveria estar neste momento? Deveria estar com alguém ou simplesmente acompanhado da minha solidão? De que me serviria agora uma bússola, já que todo ou qualquer destino é nada para mim?

O verso único de palavra solitária que não me sai da cabeça, era disso que eu falava, lembram-se? Lembrem-me, por favor! Lembrem-me das coisas que eu esqueço, das coisas que fugiram de mim, que fogem constantemente de mim, mas estão à espreita por detrás de uma duna, por detrás de uma onda, do outro lado da lagoa. Em África, no Este distante, há coisas que não conheço. Coisas que ignoro, não por me ter delas esquecido, olvidado do que vi e senti, mas por não tê-las vivido. Coisas áfricas que ignoro.

Olho-me: no meio da noite, vejo-me entretanto a pele escura. Não, sem tergiversação: negra. A pele negra me dói, e dói apenas por ser negra, como se houvesse culpa. Cada olhar sobre mim estala como uma chibatada. Mas ninguém agora, neste momento, me observa, que eu saiba. Apesar da noite, não vejo ninguém ao alcance dos meus olhos. Mas sinto a chibata beijando-me sadicamente cruel a pele, o couro, como se bicho eu fosse, como se bichos todos nós fôssemos.

A brisa se define como vento, embora manso e leve, mas úmido, e assim me orienta, pois ele, agora é possível distinguir com segurança, nitidamente vem de Oriente, trazendo o sal e o iodo para as minhas narinas. O vento vem do mar, desse mar que vigia os meus passos incertos – passos de bêbado! – e se prepara, quem sabe, para agasalhar-me, levando-me para um leito de conchas ao encontro de umas núpcias eternas com as sereias, sob o jugo líquido de Netuno. Agora eu sei onde está o Norte, como caminhar para o Sul, que rumo tomar se o destino for o poente: de noite, sem luz e sem lua, o Leste me indica com precisão qual sentido seguir na busca pelo ocaso!

De África, o Lestinho me traz um som, que não é o verso da

musiquinha grudada no meu cérebro. O Lestinho me diz algo que tem tudo a ver com submissão, com escravidão, com tempos tenebrosos, que podem ser os tempos ancestrais, tempos de ouvir falar, como podem ser tempos futuros ou, mais trágico ainda, os tempos atuais.

Meu Deus, preciso me lembrar! Preciso da minha memória aqui comigo, cacilda!

Tenho um destino, talvez uma missão, e necessito recuperá-los, retomá-los, encontrá-los – reencontrá-los, pois há um certo tempo estavam comigo, com meus cuidados, com minhas angústias, com meus pensamentos e com os meus sonhos.

O vento Leste me sopra ao ouvido e eu me arrepio todo, e sei que não é do frio que me eriço dos pés à cabeça: como “vozes d’África”, ele me sussurra uma frase triste: *Neofascismo é resultado da ilusão do andar de cima de que é possível construir país sem povo*. Uma frase triste, uma identidade histórica, uma sentença de opressão, porém um grito de alerta, um chamado à luta, um aceno de esperança: esperança negra e doída como a minha pele fustigada pelo açoite e pelo vento da madrugada fria.

Perdi minha roupa e meus documentos – não! Tiraram-me a roupa e os documentos, tiraram-me a história e a identidade. Ao alvorecer, se tudo persistir desta maneira, serei detido, acusado e punido por andar nu e sem identificação. Sem carteira do trabalho! Sem um número que comprove que sou um cidadão, ali rebaixado à categoria de pessoa física! Estaria melhor com um tiro de fuzil atravessando-me o crânio.

A letra da musiquinha que não desgruda do meu inconsciente é “hidroxicloroquina”. Vocês sabem o que é hidroxicloroquina? Para que serve? Como ela age? E, especialmente: vocês têm ideia de quem é que está por trás dela? E ao menos imaginam com quais malévolas intenções, com quais inconfessáveis propósitos, ele a vende desesperadamente, ao ponto de pretender entregá-la de graça a idosos, pobres e doentes de males graves e crônicos?

Contem-me, por favor, contem-se sobre isso tudo se alguém souber do que se trata. Tenho a certeza convicta de que a hidroxí está

associada ao que aconteceu comigo, ao estado deplorável em que me encontro. Não, não. Meu estado psicofísico é que eu defino como deplorável, muito embora seja certo que me encontro, que nos encontramos todos, em um estado deplorável pela maneira como ele é conduzido e, em especial, como o guarda da esquina entende como tenha que se dar, através dele, essa condução. De minha parte, a única coisa que tenho a deplorar, no momento, é o fato de ter perdido a consciência e a lembrança do meu quadrado, da minha bolha, do meu mundo.

Há braços que aguardam os meus abraços. Esta é uma certeza indubitável. Tenho um povo que me espera, um povo de que faço parte, um povo cujas angústias compartilho. Antes de clarear o dia, as coisas hão de ficar claras para mim. E então a minha ira se abaterá sobre os covardes, valentes com arma na mão.

Ontem à noite, início da noite, hora do fervo, eu fui cercado. É isso: fui cercado ontem à noite, e eles eram quatro ou cinco, todos pesadamente fardados para operação de guerra. Eles, pois, viam inimigos. Com medo, com a memória de um cotidiano sempre hostil, as pessoas passavam ao largo e fingiam me desconhecer: eu fora o escolhido, a mim tocara passar pela provação. Dentre tanta gente subindo e descendo, eu fui o eleito. Cercaram-me e um deles veio falar comigo. Os demais ficaram em roda, ameaçadores, sim, mas também com um medo pavoroso roendo-lhes a alma: com roupas civis, nenhum deles viria até mim, ainda que eles fossem vinte e estivessem juntos, porém desarmados.

Entre nós estabeleceu-se uma tradição de confronto estrutural e permanente: as interações somente são possíveis, agora, como intromissões invasivas, com a rudeza dos diálogos desprovidos de palavras.

Aquele que falou comigo o fez a uma distância de um metro e meio (como se observasse as boas regras sanitárias de afastamento social visando a prevenção do contágio pelo coronavírus, faltando-lhe apenas a máscara, que, no entanto, esta, sim, ele estava obrigado a usar). A uma distância de um metro e meio, ao me dirigir a palavra ele apontou-me o fuzil para a cabeça. Infelizmente já estamos acostumados com essa

agressividade gratuita, essa é a maneira como eles conversam conosco, como eles nos tratam, e não temos nós como fazer para que eles mudem sua atitude beligerante conosco. O boa-noite dele foi dito literalmente nos seguintes termos, afora os palavrões de praxe: “Tira logo essa máscara que eu quero ver bem a tua cara, negro safado, quero ver se tu ainda tem dente nessa boca nojenta. Tira logo, seu vagabundo, que eu não tenho a noite toda pra ficar aqui parado olhando pros teus cornos.”

Treinado, quero dizer, habituado com esse tipo de abordagem, corri os olhos para o bolso esquerdo do colete dele, buscando encontrar escrito ali o seu posto e o seu nome: uma fita adesiva preta, no entanto, ocultava a identificação do sujeito. Aí então tive a certeza de que ele ia atirar em mim. Ignoro por que não puxou logo o gatilho.

Um dos outros abriu a boca para dizer que “o negrão Camargo tem razão, vocês são mesmo uns vagabundos, uma escória maldita”, e sublinhou suas palavras com uma cusparada no meu rosto. Os outros riram, as pessoas fizeram de conta que não viram.

Não tenho dúvida de que foi o cuspe em mim que travou o dedo no fuzil do outro: eu, em nome da raça, merecia mais do que um tiro, um tiro acaba com tudo muito rapidamente.

Largaram-me na praia, ou melhor, numa praia. Aqui.

Sei que, num dado instante, comecei a sentir uma palpitação muito forte, como se o coração fosse me sufocar, como se eu estivesse para morrer por falta de ar pelo fato de o batimento cardíaco superacelerado não me permitir respirar, como se, dominado ao comprido no asfalto, eu, George Floyd, tivesse um joelho branco da Polícia pressionando o meu pescoço. Ainda falei, sei que falei duas ou três vezes: “Não consigo respirar. Não consigo respirar.”

Podiam muito bem ter me matado e sumido com o corpo, que apareceria talvez algum dia com uma história pronta cheia de culpas da minha parte: eu, João Pedro, 14 anos, em casa com um tiro de fuzil da Polícia pelas costas, seria o responsável pelo meu assassinato.

Mas não. Me largaram aqui, na praia, dentro d’água, no raso, de

onde sabiam que eu poderia me safar sem muito esforço. Não sei por que me pouparam, mas a resposta, sem dúvida, está lá em casa. Se eu conseguir retornar, descobrirei o motivo. A razão de me terem pegado é muito clara para mim, e tenho certeza de que para eles também. O mais provável, porém, é que tenham me largado aqui para que eu não conseguisse voltar, a fim de que eu tombasse, “sozinho”, ao longo de uma trilha tão distante de casa.

O que eles não sabem, nem poderiam saber, é que eu conheço muito bem o Lestinho que sopra aqui, este vento Leste que nasce para além da outra margem do Atlântico, vem denunciando, ao longo da sua epopeia, todos os elos da mesma corrente de injustiças que viceja em ambos os lados do Oceano e invariavelmente me devolve a casa, ao meu porto seguro. A única coisa que preciso fazer é percorrer o caminho, a despeito dos inevitáveis acidentes de percurso.

E porque não sei exatamente o que encontrarei no meu destino – se lá chegar – é que lhes conto esta história, e peço que me ouçam, e que a ouçam, e que a contem para quantos puderem: de Este, de África, este Lestinho levará assim a minha voz, pelas palavras deste relato, através de todo o continente sul-americano, minha casa maior onde moram os meus irmãos, até as bordas do Pacífico. E, embora ainda seja noite e esteja escuro, só lhes peço que acreditem em duas coisas e não deixem de ressaltá-las quando recontarem esta saga deste nosso tempo obscuro e tenebroso: que a minha pele é negra mas o meu sangue é vermelho.

N.S.Desterro, junho de 2020

PEIXE NERO

Fabiola Eichenbrenner

Após um longo dia de trabalho, Joaquim voltou para casa. O vento soprava forte, enchendo as velas de seu barco e bagunçando seus cabelos. A pesca foi produtiva aquele dia. Suas redes capturaram dezenas de peixes e o homem não poderia estar mais feliz.

Ao longe, ele viu a pedra do Jacaré. O sol ainda não estava escondido e, entre gritos e gargalhadas, algumas crianças e jovens deram os últimos mergulhos do dia, correndo ao longo da pedra e se jogando ao mar. Logo depois, viu a pedra da Freira. Sua filha, Rita, adorava a história daquela pedra e sempre pedia que ele contasse a lenda antes de dormir.

Por fim, o barco de Joaquim tocou a areia macia de Caraguatatuba, seu lar. O caiçara, cansado, deixou o barco em um local seguro e retirou a pesada rede, transbordando de peixe fresco. O céu estava começando a tingir-se em tons de laranja e rosa, e a praia estava quase deserta.

No caminho para casa, encontrou a velha Joana. A mulher, magra até os ossos e com cabelos grisalhos como nuvens de tempestade, deu-lhe um sorriso sincero. Todos na cidade falavam que ela era uma bruxa, e a mulher não fazia nenhum esforço para contradizer os boatos. As mulheres se recusavam a conversar com ela, as crianças morriam de medo dela e os homens consideravam sensato manter distância. Joaquim não dava ouvidos para esses boatos. A mulher parecia inofensiva e às vezes eles compartilhavam conversas curtas e agradáveis.

Incentivado pela pesca naquele dia, Joaquim retirou alguns peixes e os entregou à velha. A mulher olhou para ele, desconfiada.

– O mar estava generoso hoje, Joana. – Disse Joaquim. – Deixe-me também ser generoso.

A velha assentiu com um sorriso e aceitou o peixe. Joaquim foi embora e logo chegou a sua casa. O lugar era humilde e pequeno, mas acolhedor. Ele ficou surpreso quando Rita não saiu para encontrá-lo, mas

imaginou que a garotinha devia estar ajudando a mãe na cozinha.

Ao entrar, o delicioso cheiro de moqueca o alcançou. Benedita, sua esposa, fazia a melhor moqueca da cidade. Ele largou a rede e caminhou silenciosamente até a cozinha. Abraçou a mulher por trás e Benedita deu um pequeno pulo antes de repreendê-lo por assustá-la. Quando ele terminou, sua expressão divertida se transformou em pura preocupação.

– Rita está doente. – Disse a mulher. – Ela estava queimando com febre o dia todo. Agora está no quarto dela, dormindo. Joaquim foi para o quarto da menina e sentou-se na cama. A garota acordou e deu um sorriso fraco. Joaquim tocou delicadamente a testa da filha. Ainda estava quente. Ele lhe ofereceu um pouco de água, que Rita aceitou, mas depois foi assaltada por uma tosse forte e seca.

Joaquim e Benedita obrigaram-na a comer e beber líquido, mas a febre não a abandonou. Os dois passaram a noite cuidando da garota, mas ao amanhecer a situação não havia melhorado. O melhor seria chamar um médico. Depois de algumas horas, um homem em roupas limpas e impecáveis chegou à sua porta. O médico avaliou a menina, receitou alguns medicamentos e foi embora, dizendo que a menina se recuperaria em questão de dias.

Todos os dias, Joaquim ia pescar, esperando que, quando ele voltasse, Rita estivesse melhor, mas os dias se transformaram em semanas e a menina não parecia estar melhorando. Rita estava ficando mais fraca e magra. Suas bochechas coradas e olhos resplandecentes agora estavam sem brilho. A casa, outrora barulhenta pelos jogos e risadas, estava agora mergulhada no silêncio e no medo.

Um dia, depois de um cansativo dia no mar, Joaquim encontrou a velha Joana na praia. Mais uma vez, ofereceu-lhe alguns peixes, que a mulher aceitou. Quando ele estava prestes a continuar o caminho, a mulher pegou seu pulso.

– Fiquei sabendo da doença da sua filha. – Disse a mulher. – Doce menina, pequena Rita. – A mulher se aproximou mais e o encarou. – Não

é uma doença normal a dela. Só pode ser curada comendo a carne do peixe Nero. Essa carne tem propriedades especiais. Alguns diriam que é mágico. Acredite, uma velha bruxa como eu sabe o que esta falando. – A mulher piscou para ele e se afastou com passos rápidos.

O pescador foi até sua casa, sem saber se o que ouvira era real ou se apenas sua imaginação desesperada. Alguns falavam que o peixe Nero não passava de uma lenda. Um peixe enorme que afundava barcos e estragava linhas e varas de pescar. Segundo os boatos, ele morava em uma gruta perto de Praia Grande, em São Sebastião, cidade vizinha de Caraguatatuba.

Seus pensamentos sobre o grande peixe lendário desapareceram quando ele chegou em casa. Foi ao quarto de Rita e percebeu que a garota estava exatamente como a deixara naquela manhã, frágil e fraca debaixo dos lençóis. Ela mal conseguia abrir os olhos, mas mesmo assim, quando o viu, sorriu com a força que lhe restava.

– Acho que encontrei uma maneira de curar nossa filha. – Joaquim disse naquela noite a Benedita, antes de dormir.

A mulher olhou para ele com surpresa. Ele explicou a ideia de procurar o peixe Nero e trazer sua carne. Benedita fez uma careta. Ela não parecia muito convencida da ideia do marido. Ele não podia culpá-la, afinal, todos pensavam que o peixe era apenas uma lenda.

Joaquim saiu com a primeira luz do dia. O mar estava agitado e o barco tremia violentamente, mas Joaquim não se deixaria intimidar. Habilmente manobrou as velas de seu barco, indo para o sul. De longe olhou o litoral de Caraguatatuba, claro e familiar. Aproximou-se a Ilhabela e entrou no amplo corredor de mar entre a Ilha e o litoral de São Sebastião. Seus braços estavam cansados e ele estava encharcado de suor e mar, mas tinha que continuar. Talvez essa fosse a única chance que ele tinha de salvar a vida de Rita.

Quando o sol estava alto, Joaquim viu as pedras e a areia da Praia Grande. Dizia-se que o peixe Nero vivia em uma gruta cheia de morcegos e ouriços do mar.

Depois de muita exploração, ele visualizou uma abertura em uma parede de rocha. A gruta. Com esforço, lutando contra o mar que tentava afastá-lo de seu objetivo, Joaquim conseguiu se aproximar e entrar. Seus olhos demoraram a se acostumar com a escuridão. Acendeu uma pequena lâmpada e, por um minuto, não conseguiu acreditar no que estava vendo.

A gruta, que parecia pequena olhando de fora, era uma grande caverna com algumas elevações de pedra seca que pareciam ilhas em um mar escuro e perigoso. Do teto de pedra, centenas de olhos brilhantes o observavam, morcegos curiosos com aquele visitante inesperado. Gritos estridentes atingiram seus ouvidos, e Joaquim ficou agradecido por aqueles pequenos animais não terem decidido descer para cumprimentá-lo.

Ele olhou para baixo, concentrado na água escura. Em algum lugar devia estar escondido o peixe lendário, o terror dos pescadores e a esperança de cura para sua filha. Jogou as redes na água, preparou uma vara de pescar com uma isca particularmente apetitosa e esperou.

Por horas, sua única companhia foram os morcegos acima de sua cabeça. Alguns decidiram esticar as asas, passando rápido por cima dele, mas nunca chegando muito perto. Os pequenos seres tinham tanto medo dele quanto ele tinha deles.

Quando Joaquim já estava se xingando por acreditar nas palavras de uma velha bruxa maluca, a linha da vara de pescar ficou mais esticada. Rapidamente, o pescador agarrou a vara com as duas mãos. Se ele levasse mais de um segundo para reagir, a vara teria voado pelo ar e teria sido perdida para sempre.

Algo estava puxando com força do fundo da gruta. De repente, o peixe, o monstro ou o que quer que tenha mordido o anzol começou a se mover rapidamente, esticando o pequeno barco sobre a água e forçando-o a colidir com algumas pedras salientes. Assustado, com medo de perder o barco e ficar preso naquela gruta à mercê daquele animal enorme, Joaquim se forçou a segurar a vara de pescar com mais força. Ele não poderia perder esse peixe. Era a esperança que ele prometeu a Rita e Benedita. Mas o peixe

era forte e a vara estava se dobrando em uma curva perigosa. O som desagradável de estilhaçamento de madeira invadiu a grande gruta, e a vara de pescar foi despedaçada.

Não contente com isso, o grande peixe Nero decidiu atacar o barco e, pela primeira vez, Joaquim pôde ver claramente o tamanho real dele. Era enorme, do tamanho de um homem adulto. Suas escamas brilhantes, com tons de preto e branco, pareciam duras como pedra. O peixe grande e pesado bateu com força no casco do barco, sacudindo-o bruscamente. Durante um desses golpes, Joaquim quase caiu na água. Atordoadado, levantou-se e pegou a rede de pesca mais resistente que tinha levado. A jogou na água, tentando pegar o peixe. As primeiras tentativas foram malsucedidas e o peixe enfurecido continuou a atacar o barco. A madeira estava começando a rachar nas laterais. Não aguentaria muito mais.

Desesperado, Joaquim continuou a lançar a rede. Não podia desistir. Tinha que capturá-lo a qualquer custo. Com quase força nenhuma sobrando, algo o puxou com energia e por pouco ele não caiu na água. Finalmente, tinha apanhado o peixe na rede. Mas o grande animal não seria derrotado sem luta. Ele se contorceu com força, desesperado para recuperar sua liberdade. Joaquim, com uma força de vontade que apenas um pai desesperado consegue ter, esticou as redes, rezando para que não quebrassem. O peixe foi levantado e, assim que saiu da água, começou a sacudir ainda mais com força. O pescador conseguiu levá-lo para o convés do barco e, não querendo prolongar seu sofrimento, terminou sua vida com uma faca.

Ofegando, com os braços e as pernas doendo, ele saiu da gruta. Em pouco tempo ele estava de volta ao mar agitado, sob o céu infinito. O sol já estava baixando e em menos de uma hora se esconderia no horizonte. Joaquim se apressou. Não queria estar no mar quando a noite chegasse.

As primeiras estrelas apareceram no céu quando deixou São Sebastião e Ilhabela para trás. Ele conseguiu ir rápido, mas estava exausto e sua força estava se esgotando. Ele tentou se animar. Só um pouco mais.

Mas o barco estava pesado com o peixe gigante e o mar parecia querer se opor a ele a todo custo e complicar sua jornada. Só mais um pouco.

Sentia que ia desmaiar a qualquer momento. A noite implacável fez todas as direções parecerem iguais. Por um momento, ele pensou que estaria perdido para sempre no oceano.

De repente, uma forte corrente de ar encheu as velas do pequeno barco. O vento leste, seu querido lestinho. O vento parecia injetar nova energia nele, uma nova esperança. O barco deslizou sobre o mar agitado, aproximando-o de sua casa.

Em pouco tempo ele viu as areias de Caraguatatuba e as pequenas casas ao longe. Sorriu.

Deixou o barco na praia, cortou um pedaço grande do peixe e o carregou nas costas. Viu a velha Joana se aproximando, curiosa, mas não parou para falar com ela dessa vez. Ele teria tempo de agradecer a ela pela idéia depois de ver Rita curada.

Ansioso, correu para casa. Entregou a carne succulenta a Benedita, que imediatamente começou a preparar um Azul Marinho, um prato de caçara com peixe, pirão e banana verde. O prato favorito de Rita. Joaquim foi ao quarto da menina e cuidadosamente colocou a comida na boca dela.

A garotinha sorriu e pouco a pouco a cor voltou ao seu rosto. Em algumas horas a febre diminuiu. Pela primeira vez em semanas, a menina dormiu em paz, sem dor ou tremores. Ao amanhecer, Joaquim decidiu ir conversar com a velha Joana e agradecer. Rita insistiu em ir com ele. Sabendo que a menina sentia falta do mar e que ir à praia a faria feliz, Joaquim a levou, carregando-a nos braços.

Na praia, ninguém tinha visto a velha Joana. Ela e o pedaço de peixe que Joaquim tinha deixado no barco pareciam ter desaparecido sem deixar nenhum sinal. Velha bruxa misteriosa, Joaquim pensou, divertido. Pai e filha observaram o céu pintado com as cores do amanhecer, enquanto o vento leste os envolvia.

NA LINHA DE FRENTE

Cauan Cristofalo de Moraes

Precisava respirar um pouco. Flora pediu uma pausa e foi para o corredor. Encostou na parede de olhos fechados e sentiu as mãos tremerem, não sabia se era de medo, cansaço ou estresse. A ala fechada do hospital deixava sua garganta seca e dolorida, seus pés estavam inchados do movimento contínuo entre os pacientes e sua face cortada, resultado do uso incessante de máscara. Aquela era particularmente áspera, ardendo-lhe a pele morena, já vermelha e roxa em alguns lugares. Mas não podia descartá-la assim, já que a falta dos equipamentos de proteção individual era iminente para as próximas semanas.

Desde o começo da pandemia, todos os dias eram assim. Flora e seus colegas enfermeiros lentamente eram exauridos até seu limite físico e emocional. Como acontecia constantemente, foi assaltada por medos difíceis de serem contidos. “Será que deixei passar alguma coisa? Toquei em algo que não devia? Pense Flora.” Antes que mais um ataque de ansiedade começasse, avistou outro enfermeiro na porta de um leito ao final do corredor. Apenas seus olhos, também castanhos, eram visíveis e demonstravam preocupação, acalmando-a um pouco antes de voltar ao que fazia. Ele também não podia parar para confortá-la.

Enquanto respirava fundo, retomando seu autocontrole, voltou seus pensamentos para a família que já havia algum tempo não visitava, por segurança. Isso sempre a acalmava. Recordou-se de um tempo antes de vir para a capital, de sua infância no litoral, quando sua vida era mais simples. Sentava-se no colo de sua avó esperando ansiosa e preocupada o fim da pescaria e o retorno de seu avô. Como a velha lhe ensinara, torcia por um vento leste que o trouxesse em segurança e, sem falta, logo o alívio vinha. Eram lembranças boas. Que falta lhe faziam aquelas pessoas e sua terra, aquele vento que carregava consigo a certeza de que tudo iria ficar bem. Precisava muito desse sentimento agora.

Olhou para o relógio. Era quase de tarde. Pela madrugada perdera um paciente naquela Unidade de Terapia Intensiva onde trabalhava e, com mais esse de minutos atrás, eram dois. Se esforçara ao máximo e aplicara todo seu conhecimento em cuidado pelo bem daquelas pessoas, mas era difícil para os pacientes idosos suportarem a investida do vírus. Pensou novamente em seus avós e considerou que, provavelmente, as duas pacientes também teriam seus netos e filhos. Famílias inteiras esperando seu retorno, assim como há quilômetros da capital o seu também era esperado.

Flora levantou e se encaminhou para outro leito. O golpe fora grande, mas ainda havia trabalho a fazer. Checou o estado de outros pacientes e fez alguns procedimentos, sempre atenta por sua segurança e, principalmente, das pessoas à sua volta. Pela porta, cruzou de novo o olhar com os olhos castanhos que passaram rapidamente pelo corredor, agora satisfeitos ao verem ela de pé, recomposta. Ela devolveu o olhar, já que seu sorriso cansado permanecia coberto. Olhou no relógio e respirou aliviada por faltar apenas meia hora.

Subitamente, um movimento em outro leito e o barulho que já aprendera a temer, o de pés rápidos e nervosos convergindo em um local, chamaram sua atenção. Tomou fôlego e correu para uma cena para a qual não estava preparada exatamente. Uma menina de oito anos internada havia uma semana naquela unidade, com problemas de saúde antecedentes que a tornavam uma paciente de risco, acabara de ter uma parada cardiorrespiratória.

Não havia tempo para pensar, Flora se juntou às outras duas profissionais que já iniciavam o procedimento de reanimação e entrou de cabeça em mais uma batalha. Enquanto uma das três, que era médica, ia preparar o aparelho desfibrilador, sua companheira, outra enfermeira, já preparava a posição da garota, desobstruindo suas vias respiratórias. A situação era emergencial, os movimentos pareciam cuidadosamente ensaiados entre as três, nenhum segundo poderia ser perdido. Respirando fundo uma última vez, Flora se posicionou, localizou o alvo de suas mãos

no corpo da criança e começou a massagem cardíaca.

A enfermeira começou os movimentos, firmes e ritmados. Pressionou, contou e parou. Pressionou, contou e parou. Seus ajudantes se esforçavam ao máximo durante a pausa, fornecendo ar para a garota e instruções para Flora, que já começava a se preocupar. Quarenta segundos. Um minuto. Um minuto e meio e nada. A porta do leito já começava a atrair a atenção dos transeuntes que assistiam preocupados e incapazes de fazer alguma coisa, além de dar espaço e silêncio.

Os braços sobre a menina já queimavam pela fadiga muscular do esforço tão intenso. Flora mantinha-se compenetrada e tensa, dando tudo de si. Dois minutos. Finalmente um som vindo da tela ao lado da cama quebrou o silêncio, que figurativamente se tornara ensurdecidor. O pulso foi seguido de um grito contido de alegria e alívio, acompanhado de palmas. Flora se afastou da criança. Foi como se água gelada descesse por seus braços. Sentou-se, completamente ofegante, e finalmente olhou emocionada para frente. Seus olhos encontraram mais uma vez seus pares na porta do leito, assustados, marejados, orgulhosos.

Os minutos que restavam até o fim de seu plantão chegaram sem maiores emoções. Flora vencera mais um dia. Sentia orgulhosa de si e mais ainda do trabalho que fizera, das pessoas que ajudara. Acariciou suavemente a mão daquela menina, que pelo menos por enquanto, ainda não se tornaria uma estatística. Teria mais uma chance de lutar, de viver, de se apaixonar ou de qualquer outra coisa que seu coração desejasse.

Enquanto trocava de roupa, já com o corpo novamente frio, pesado e dolorido, Flora não entendia de onde vinha aquela força que a impulsionava em desafios que pareciam tão maiores do que ela. Uma força aparentemente sobrenatural, mas tão humana, e de certa maneira familiar. Na saída do hospital, aqueles olhos castanhos em um rosto já descoberto a esperavam afáveis e receptivos. Encostado no carro, recebeu-a com um abraço e ali ficaram um pouco, sentindo o precioso ar puro de um ambiente finalmente aberto, uma brisa acolhedora, um vento de esperança.

A MISTERIOSA JORNADA DA ALMA

Maria Laura Zanella

Antes de qualquer coisa, meu querido leitor, sejamos cordiais. Eu ainda não tive a oportunidade de me apresentar e tampouco contei sobre minhas origens. Por mais que você venha me conhecendo em outras circunstâncias ao longo de toda sua vida, sinto dizer que não será nesse instante em que deixarei de ser um mistério, mas posso garantir que em algum ponto no tempo eu me erguerei sobre você, minha identidade vira à tona e você me reconhecerá. Contudo, não tire conclusões precipitadas sobre a minha honestidade, posso ser muitas coisas, porém não sou mentirosa. Talvez, ao final da história, nos tornaremos grandes amigos. Chegará o momento em que seremos mais íntimos do que sequer você pôde imaginar, leitor, pois compartilharemos da mesma dor e das mesmas alegrias, de modo que eu despertarei o melhor que há em você.

A tempestade, a perda do controle, o desespero, as luzes piscando sem parar e então a última coisa que eles enxergam é a escuridão. Perdidos em algum lugar no meio de um azul inesgotável, porém nunca esquecidos no lugar onde seus corações pertenciam. Um momento pode fazer toda a diferença, você pode perceber como o tempo está ficando ruim e como o vento está mudando, um momento é crucial para você virar contra a tempestade e tentar escapar dela. No entanto, eles estavam prestes a descobrir que seria inútil ir contra a maré, pois no próximo segundo a tempestade engoliria o barco. O céu estava repleto de um preto obscuro e penetrante que parecia envolver o globo todo. Particularmente eu não sabia como seria o fim do mundo, mas no momento em que o céu estava decidido a nos devorar eu tive certeza de que o fim do mundo seria como aquilo. Era como se o próprio oceano tivesse criado vida e se virado contra eles envolvido num sentimento de vingança terrível. Céus e mares estavam furiosos. As ondas estavam numa espécie de sintonia de condenação, todos os elementos predestinados a marchar no mesmo ritmo de destruição.

Eu pude acompanhar a Orquestra da Destruição bem de perto, o vento dava direção para que as ondas soberbas arreventassem sobre o barco, do céu raios e trovões entoavam um hino, e a chuva soava como o instrumento que dava a harmonia final. Pude sentir a dor daqueles homens em meio à angústia, ao desespero e à insegurança sobre suas vidas. Em meio à luta pela sobrevivência em uma grande tormenta pude sentir ainda algo além daqueles sentimentos, durante o caos completo de seus corações senti também um pouco de preocupação com as pessoas que estavam em seus lares, suas famílias. Nesse último sentimento algo me despertou em um determinado homem, Samuel. Algo fez com que me despertasse curiosidade nele. Seu corpo já não sentia mais preocupação, mas nesse exato segundo suas veias pulsavam determinação em sobreviver, e o seu sangue filtrava, fluía e dava fibra, coragem e perseverança ao seu ser. A partir desse ponto o medo já não mais o amedrontava e dominava seu corpo, mas uma energia intensa de salvação substituía o lugar do medo. Tal luta pela vida durou a noite toda, até que os dois homens conseguiram subir no bote para emergências e a tempestade se acalmou.

Bem, meu querido leitor, você sabe o que aconteceu, porém as razões que levaram aqueles homens para o coração da tempestade ainda é desconhecida. Pois eu conto agora. Samuel era um pesquisador que estava estudando e indo fazer uma pesquisa sobre flora em uma ilha não tão distante. Então, Diego seu velho amigo pescador, ofereceu-lhe o transporte, pois já ia pescar pela região da ilha. Em algum lugar bem distante, o céu já havia se posto. E uma garota esperava com o coração atônito o retorno do seu querido pai, Samuel. Sua mãe, Cecília, estava tão preocupada e aflita como a pobre garota, porém apenas tentava acalmar a filha que ao longo da noite dormiu confortada no colo da mãe. Contudo, as duas não faziam ideia do tormento que ainda iriam passar. Quando o dia alvoreceu um telefonema foi feito para Cecília. Mas ela sabia antes mesmo de atender ao telefone a notícia que esperar. A tempestade da noite anterior e o desaparecimento do marido. Logo, seguiu-se um silêncio absoluto e um grito de angústia foi ecoado eternamente na sua alma. Seus

olhos foram tomados pela cor do sofrimento, enevoados. Ao receber a notícia, sua filha, chamada Alice, caiu em prantos. Os dias seguintes seguiram-se dolorosos, cercados por incertezas e um medo imensurável. Cecília nunca foi muito íntima minha, e nesse momento em que ela mais precisava eu estava de coração aberto à ela, mas ela começou a ficar cada dia mais distante de mim. As horas eram tomadas pela ansiedade e desespero em seus corações, e os dias pareciam infinitos e eram sem vida, incertos.

Desse modo, passaram-se dias sem respostas e buscas sem retorno. Até que esses dias chegaram a cinco. Quanto mais o tempo passava, Alice chegou à conclusão de que tinha duas escolhas: acreditar que seu pai estava vivo ou entregar-se ao sofrimento e angústia da alma como fez sua mãe. Ao contrário de Cecília, Alice não perdeu as esperanças. Ela não deixou de lutar, do modo como podia, e teve fé de que seu pai retornaria seguro ao conforto da família, dos amigos e do lar. A garota adolescente não se deixou abalar e permaneceu firme naquilo em que acreditava. Em geral, eu admiro pessoas assim. Ouso dizer que esse foi exatamente o ponto em que eu me ergui sobre Alice e ela depositou sua fé em mim. Enquanto isso, eu acompanhava de perto as circunstâncias em que os dois homens estavam, pobres homens. Estavam sem comida e água há cerca de cinco dias em alto mar, seus olhos eram incapazes de enxergar terra firme. Cada vez que eu passava por Samuel ainda podia sentir sua coragem e força, mas ao contrário dele, Diego estava completamente atordoado e desorientado. Samuel procurava por uma ilha, mas em meio à imensidão de água era praticamente inútil. Até que eles conseguem ver uma pequena ilha um pouco distante e remam com as mãos em direção à terra milagrosa.

Depois de muito esforço os dois conseguem chegar e simplesmente adormecem na areia. Pouco tempo depois eles são acordados pelos insetos e seguem procurando comida, absolutamente famintos. Em seguida encontram frutos e pescam alguns peixes, agora já conseguem enxergar a situação com mais clareza e organizavam um meio de voltar para a casa. Passaram-se longos dias, dias esses de muita provação

e determinação. Quando duas semanas foram contadas parecia que todos os corações se afastavam cada vez mais de mim, como se a minha imagem estivesse desaparecendo gradativamente diante deles por mais que eu ainda estivesse presente. Pensei que todos iriam parar de lutar, Alice, Samuel, Diego e Cecília, pois até mesmo os mais próximos meus estavam quase optando por desistir. Eu sempre estive com eles, mas eu conseguia sentir dentro de mim que eu estava começando a não ter uma função. E se eu não era mais útil para todos eles, então isso significaria de alguma forma que eu fracassei...

Diante de tudo o que estava acontecendo eu continuava otimista como sempre, disse a eles que tudo ficaria bem e no final eles se reencontrariam, por mais que às vezes eles não acreditassem em mim, eu nunca perdia a cabeça. Coisas boas acontecem à pessoas boas, foi nessa ocasião que minha teoria foi provada e eu pude garantir que desde o começo estive certa. Quando os dois homens perdidos na ilha estavam quase desistindo de tentar sobreviver, uma espécie de barco de pesca passou bem perto da ilha. Seus corações rapidamente se encheram de fogo e alegria. Os dois começaram a gritar sem parar e foram ouvidos. Em todo meu ramo de atividade, esse foi para mim o momento mais emocionante. Os dois vibravam de uma felicidade infinita! De seus corpos fluíam uma energia extremamente forte de gratidão, pois aquele foi o ápice de suas vidas. Samuel, num instante de comoção olhou para o céu e sentiu-se abençoado, porque a partir daquele momento de salvação ele pôde entender o significado de sua vida. Aquela foi um marco que mudou completamente a forma que Samuel enxergava a vida e ele nunca mais seria a pessoa que era, ao contrário disso, evoluiria e se desenvolveria para o melhor que pudesse ser. Era exatamente como se antes do tormento ele estivesse morto, e durante aquelas duas semanas de reflexão existencial mais sua salvação ele finalmente estivesse vivo. O vento agora fluía no mesmo ritmo de seus corações: o retorno. A cada nova respiração um novo recomeço. A cada nova certeza que ia surgindo durante a viagem o vento os guiavam em um caminho singular, tal caminho que antes nunca foi

percorrido. O caminho de volta para a casa. Então, os dois estavam retornando para seus lares, para os doces corações de suas famílias, para a estabilidade de suas mentes e ainda mais: depois da tempestade encontram o Sol que significava o reencontro de si mesmos. Os dois estavam mortos e voltaram a se redescobrir e amar a vida. Samuel estava repleto de mim em seu coração e essa foi a nossa maior conexão.

Eles chegaram sem avisar e foram respectivamente encontrar suas famílias. Samuel entrou pela porta da casa calmamente e com o coração renovado. Quando ele deu cinco passos sua filha o viu. O momento do reencontro. O momento em que o pai retorna ao lar. Alice inicialmente não soube como reagir, estava pálida como a neve. Mas ao longo dos segundos, quando sua ficha caiu, ela foi tomada por uma felicidade sem fim. Seus olhos emanavam tamanha alegria que palavras não ousariam expressar, apenas bastavam as lágrimas. Uma explosão amplamente formada por uma gama diversificada de sentimentos puros invadiu o coração da garota, palavras gritavam fortemente em sua alma e tentavam sair, mas ao mesmo tempo seus sentimentos se expeliam através de abraços, beijos e lágrimas. Diante do barulho, Cecília procurou saber o que estava acontecendo e foi até a sala. Nesse minuto, ao ver o marido vivo ela caiu desesperadamente em prantos de comoção inevitável. Bem, essa situação perdeu-se por longos intervalos de tempo, como se o tempo estivesse definitivamente congelado. A família estava novamente reunida e permaneceu abraçada por um bom tempo. Um acolhimento eterno e carregado de amor.

Leitor amigo, estivemos juntos em uma longa jornada, uma jornada ao centro de sua essência. Folhada de alegria, determinação, coragem, mudança, revitalização e muito mais. Compartilhamos da mesma história, onde o amor renasceu na esperança, esperança essa que lhes conto agora... Eu estive ao longo de cada instante ao lado de cada um deles, alguns mais distantes de mim, como por exemplo, Cecília. Por mais que existam situações em que eu compreenda a inevitabilidade do esquecimento que você tem sobre mim, saiba que eu nunca deixei de

acompanhar seus passos. Em seus momentos mais sombrios de descrença e desânimo eu estive junto de ti. E se você não acredita em mim talvez seja porque, amigo, você deixou suas inseguranças prevalecer e se afastar da minha companhia. Nesse contexto, minha única e primordial responsabilidade é revelar que desde o momento de seu nascimento eu sempre tive muita fé na pessoa que você é. Portanto, deposite toda sua fé em mim, pois se fizer isso a minha chama que vive dentro de ti jamais se apagará e o meu fogo se tornará vivo e eterno em sua alma. Tenho certeza que nós dois já vivemos encontros e desencontros, mas eu sei que no fundo tudo o que sua alma almeja é poder nunca desistir de mim. Caro amigo, se por algum acaso você ainda não descobriu minha identidade, pois bem, a máscara do meu enigma desaparece na frase seguinte. Prazer, meu nome é Esperança.



Diante da pandemia que marcou o início desses anos 2020, o concurso literário “Vento Leste – O Vento do Retorno Seguro” buscou trazer tanto reflexão quanto esperança. E o que é esse vento, tão importante a ponto de ter nome próprio?

É o vento que traz o caiçara de volta para sua casa, sua família e seus amigos após uma noite de trabalho – e em segurança.

Os textos selecionados, que compõem essa publicação, são muito significativos deste trabalho de interpretação livre da realidade local do Vento Leste. Que eles proporcionem a você, que lê agora este livro, as mesmas sensações que têm os caiçaras no seu retorno seguro para casa.